



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

PAULO JORGE PEREIRA VICENTE

Diálogo ecuménico
Ecumenismo em Viseu: Perspetivas e desafios

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues

Braga

2017

Dedico este mestrado a Deus, à minha família e a todas as pessoas envolvidas, pois sem elas não conseguiria ter percorrido este longo caminho.

Agradecimentos:

À minha família que sempre me apoiou para não desanimar neste longo caminho.

Ao Bispo D. Ilídio Pinto Leandro, ao Bispo D. Manuel Felício e aos seminários: Maior de Viseu e Interdiocesano de São José.

Ao Prof. Doutor José Lima que foi o meu orientador no início da dissertação.

Ao Prof. Doutor Luís Miguel Figueiredo Rodrigues que me orientou a dissertação e fez com que a levasse a bom porto.

Ao Pe. Nuno Santos, ao Sr. Cónego Jorge Seixas e ao Sr. Cónego António Jorge pelo contributo que me deram ao longo deste trabalho.

Aos Párocos das paróquias em estudo: Pe. Milton da Encarnação, Cónego Manuel Matos e ao Pe. José de Fátima Morujão.

Aos representantes das Igrejas evangélicas em estudo: Pastor José Manuel Pereira e ao Pastor Daniel Lopes.

E a todos amigos e colegas por toda a colaboração e amizade ao longo desta caminhada.

Resumo

Este trabalho de investigação tem como finalidade analisar a realidade da questão ecuménica na cidade de Viseu desde o Concílio Vaticano II até ao ano de 2015 e quais são as suas perspetivas futuras. Para concretizarmos este objetivo analisámos as paróquias da cidade e também todas as Igrejas cristãs não católicas. Assim sendo, queremos verificar que cada vez mais o ecumenismo é um tema bastante atual, pertinente e urgente

Palavras chave: Viseu; Ecumenismo; Igreja Cristã.

Abstract

This research aims to analyze the reality of the ecumenical question in the city of Viseu-Portugal, from the Second Vatican Council until the year 2015, and what are its future prospects. In order to fulfill this objective, we analyze the parishes of the city and also all non-Catholic Christian Churches. Therefore, we want to recognize that ecumenism is a very current, pertinent and urgent theme.

Keywords: Viseu; Ecumenism; Christian Church.

Siglário

ADRL - Associação de Desenvolvimento Rural de Lafões.

ATL - Atividades Tempos Livres.

CCEE - Conselho das Conferências Episcopais da Europa.

CCEO - Código de Direito Canónico da Igreja Católica de Rito Oriental *Codex Canonum Ecclesiarum Orientalium* (1991).

CEI - Conselho Ecuménico das Igrejas.

CES - Centro de Estudos Sociais.

CIC - Código de Direito Canónico da Igreja Católica de Rito Latino *Codex Iuris Canonici* (25 de janeiro de 1983).

CNE - Corpo Nacional de Escutas.

COPIC - Conselho Português de Igrejas Cristãs Não Católicas.

CT - João Paulo II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (16 de outubro de 1979).

DV - Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição dogmática sobre a revelação divina *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965).

EMO - Bento XVI, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Medio Oriente* (14 de setembro de 2012).

EN - Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (8 de dezembro de 1975).

GS - Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965).

KEK - Conferência das Igrejas da Europa.

LG - Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Igreja “*Lumen Gentium*” (21 de novembro de 1964).

MA - Pio XI, Carta Encíclica “*Mortalium Animos*” (06 de janeiro de 1928).

OL - João Paulo II, Epístola Apostólica “*Orientalis Lumen*” (2 de maio de 1995).

PESV - Pastoral do Ensino Superior de Viseu.

SC - Conc. Ecum. Vaticano II, Constituição sobre a Sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (4 de dezembro de 1963).

TMA - João Paulo II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (10 de novembro de 1994).

UR - Conc. Ecum. Vaticano II, Decreto *Unitatis Redintegratio* (21 de novembro de 1964).

UUS - João Paulo II, IOANNIS PAULI PP. II, Carta Encíclica “*Ut Unum Sint*” (25 de maio de 1995).

Introdução

Atualmente, o tema do ecumenismo é cada vez mais importante, devido à mobilidade humana; cada vez mais temos pessoas pertencentes às diferentes confissões cristãs lado a lado, num mesmo espaço territorial, social e cultural. Este fenómeno sociológico e religioso, por si, reclama de que cada igreja cristã, e destas entre si, uma atitude de maior abertura, diálogo e comunhão.

Tendo em conta esta realidade, assim como o nosso percurso de vida pastoral, que nos levaram a participar em vários encontros ecuménicos, aliados à formação teológica que o plano curricular universitário da Faculdade de Teologia, do Centro Regional de Braga nos ofereceu, sobre o tema do ecumenismo, despertaram o interesse pessoal por esta temática. A presente dissertação surge como oportunidade de aprofundamento do mesmo, tentando ligá-lo com a realidade da diocese de Viseu, onde, na atualidade, não se encontra ninguém dedicado a esta tarefa ecuménica, tanto no plano da reflexão teológica como pastoral. Por isso, optei por analisar o tema do ecumenismo, partindo de uma análise de índole histórica geral, para chegarmos a uma análise da realidade local, circunscrita à cidade de Viseu. Por estas razões, realizar esta dissertação será bastante desafiante e motivador.

A metodologia usada neste trabalho tem três fontes de conhecimento: A primeira é uma pesquisa seguida de análise de alguns documentos fundamentais, quer de carácter histórico, quer teológico; A segunda versou sobre o contacto mais direto, através de um trabalho de campo, fazendo entrevistas a elementos das confissões cristãs presentes na cidade de Viseu; para este contacto, optou-se por fazer um guião, onde depois, posteriormente, se estabeleceram contactos com os líderes e outros responsáveis de cada Igreja Cristã, presente na cidade. Em

terceiro lugar, fizemos um levantamento da cobertura que este tema teve na comunicação social, particularmente no Jornal da Beira, órgão oficial de informação da diocese de Viseu.

Esta dissertação, quanto à sua estrutura está dividida em três capítulos: o primeiro capítulo é de natureza histórica, ou seja, trata as origens do movimento ecuménico na história da Igreja. Neste capítulo, procurou-se perceber quais foram as razões que levaram ao surgimento do movimento ecuménico. Para nos situarmos, sabemos que entre as razões mais relevantes destaca-se as cisões entre o oriente e o ocidente no séc. XI, e mais tarde, em pleno séc. XVI, a reforma protestante no ocidente.

No segundo capítulo, exploramos o contributo que o Concílio Vaticano II ofereceu ao ecumenismo e o contributo oferecido pelo magistério pastoral do pontificado dos Papas João Paulo II e Bento XVI. Assim sendo, para percebermos o contributo do Concílio Vaticano II, onde foi proposto às diversas comunidades cristãs que se reconciassem, quer de forma individual, quer comunitária, com a finalidade de provocar um compromisso que as levasse a crescer em unidade, na fidelidade a Cristo que fundou uma única Igreja, chamada por Ele a ser instrumento de unidade (cf. UR, 15). Neste ponto analisaremos um decreto que saiu deste concílio, o decreto *Unitatis Redintegratio*, versando sobre o tema do ecumenismo, como um tomar de consciência, por parte da Igreja Católica, da necessidade de responder à vontade de Cristo, pois Ele fundou uma só e única Igreja. No pontificado do Papa João Paulo II, salienta-se entre outros a carta encíclica *Ut Unum Sint*; esta é “como um contributo à consolidação dos resultados obtidos no diálogo ecuménico nestes trinta anos de pós-concílio”¹, onde se salienta o dever de continuar a caminhar para a plena comunhão, possível de alcançar, respeitando a unidade na legítima diversidade (UUS, 64). O Papa Bento XVI, imediatamente após a sua eleição como Bispo de Roma, como Sucessor do Apóstolo Pedro, manifestou² o firme propósito

¹ Cf. J. E. B. PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 458.

² Cf. BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecuménico no palácio episcopal de Colónia* in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-

de assumir a recuperação da unidade plena e visível dos cristãos como uma prioridade do seu pontificado, tendo neste capítulo, como facto mais notável, “o esforço desenvolvido no sentido de aproximar de Roma os cristãos ortodoxos do oriente de tradições bizantina, síria e eslava”³.

O terceiro e último capítulo é dedicado ao estudo da realidade do ecumenismo na cidade de Viseu. Para este estudo, partimos da análise dos Censos de 2011, a fim de obtermos elementos sociológicos sobre a realidade do conjunto da população residente nesta cidade, depois procuramos perceber a realidade em termos eclesiais, em cada paróquia do centro da cidade, através de uma entrevista (Anexo 1, 2 e 3) a cada pároco. Seguidamente, para percebermos o percurso feito em termos ecuménicos, analisou-se o Jornal da Beira, órgão oficial da informação da diocese de Viseu, desde o Concílio Vaticano II até ao ano de 2015. Por fim, entrevistamos (Anexo 4) o responsável da Igreja católica de Viseu, D. Ilídio Pinto Leandro, bispo de Viseu, para entendermos o que ele pensava desta questão na atualidade e para o futuro. Seguidamente utilizei o mesmo método, da entrevista (Anexo 5 e 6), para analisar como cada confissão cristã não católica, presente na cidade de Viseu, encara o ecumenismo. Por fim, tentaremos relacionar todos estes elementos entre si e descortinar interpelações e desafios que esta realidade nos lança, hodiernamente e para a posteridade.

xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html acedido a 06-04-2017. Todas as datas de visita dos sites correspondem à última visita ao site para confirmação.

³ J. E. B. PINHO, *O Ecumenismo no Pontificado de Bento XVI*, in http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/o_ecumenismo_no_pontificado_de_bento_xvi.html acedido a 06-04-2017.

1. Notas históricas do Movimento Ecuménico

O Movimento Ecuménico pode ser considerado, antes de mais, uma graça de Deus, concedida pelo Pai, em resposta à oração de Jesus (cf. Jo 17,21) e às súplicas da Igreja, inspirada pelo Espírito Santo (cf. Rom. 8,26-27). O seu campo de atuação prende-se com o esforço pelo restabelecimento da unidade entre os cristãos (UR, 3), orientado no quadro da missão universal da Igreja, de congregar a humanidade em Cristo. Nesta tarefa eclesial, que é o ecumenismo, todos os batizados em nome de Cristo estão chamados a empenhar-se.

Este Movimento surgiu como uma tentativa de resposta às várias divisões que a Igreja cristã sofreu ao longo da sua história. Mas, para melhor entendermos o porquê deste Movimento ter surgido, é oportuno lembrar quais foram as causas e os acontecimentos que levaram à separação dos cristãos.

A história demonstra que “as primeiras divisões sobrevieram no Oriente, já por contestação das fórmulas dogmáticas dos Concílios de Éfeso e Calcedónia, já em tempo posterior, pela rutura da comunhão eclesiástica entre os Patriarcados orientais e a Sé Romana” (UR 13). Estas divisões levaram posteriormente à ortodoxia⁴ e tiveram causas de várias ordens⁵: motivos ideológicos como, por exemplo, a questão doutrinal da entrada do “filioque” no Credo; motivos territoriais, como a oposição entre o império carolíngio e o império bizantino; motivos religiosos, como a importância de enunciar a questão iconoclasta e, por fim, motivos políticos, como a influência do papado romano sobre os bizantinos. A estes motivos, acrescentamos, ainda, a Bula de 16 de julho de 1054, de legado papal de Humberto, que veio assinalar decididamente a divisão entre as Igrejas dos Patriarcas orientais e a Igreja de Roma, resultando, assim, na mútua excomunhão⁶, estabelecendo-se, assim, o grande cisma do Oriente.

⁴ Cf. A. SAMUEL, *As religiões hoje*, 209.

⁵ Cf. J. COMBY, *Para ler a história da Igreja*, 135-138.

⁶ *Ibidem*.

Passados mais de quatro séculos, surgiram outras divisões na cristandade; desta vez, «no Ocidente, provocadas pelos acontecimentos comumente conhecidos com o nome de Reforma» (cf. UR, 13). Estas divisões levaram à Reforma protestante e, depois, anglicana⁷ que tiveram como grande causa de separação a crescente procura desde a segunda metade do século XV de um cristianismo de cariz mais evangélico e existencial, ou seja, de um cristianismo interior, baseado na Escritura, ético e existencial.

O grande impulsionador desta Reforma protestante na Alemanha foi Martinho Lutero⁸ (1483-1546). Este criticou, através das suas noventa e cinco teses, que afixou no dia 31 de outubro de 1517 na porta da Igreja de Wittenberg, o poder das indulgências, resumindo todas elas na sua última tese «É preciso exortar os fiéis a entrarem no céu por meio de muitas tribulações, ao invés de descansarem na segurança de uma falsa paz»⁹. Em novembro do mesmo ano, Lutero¹⁰ foi convocado para apresentar-se em Roma, sendo exortado pelo cardeal Cayetano de Vio a retratar-se. Em junho de 1520, o Papa Leão X, em resposta às teses de Lutero, escreveu a Bula “*Exsurge Domine*”¹¹, mas este nunca deixou de defender as suas teses. No dia 10 de dezembro de 1520, chegou a queimar publicamente a bula papal, acabando por ser excomungado no dia 3 de janeiro do ano seguinte, mediante a bula “*Decet Romanum Pontificem*”.

Outra tese que ele defende contra a Igreja católica é que todo o homem está, desde que nasce, pervertido pelo pecado, as obras não servem para a salvação; é pela graça que o ser humano se salva, recebida só pela fé¹².

⁷ Cf. A. SAMUEL, *As religiões hoje*, 209.

⁸ Martinho Lutero foi um fervoroso eremita de Santo Agostinho, estudioso, professor de teologia e um dos grandes responsáveis da reforma protestante.

⁹ Cf. P. PIERRARD, *História da Igreja*, 171.

¹⁰ Cf. H. DENZINGER; A. SCHÖNMETZER, *Enchiridion symbolorum definitiorum et declarationum de rebus fidei et morum*, 471-473.

¹¹ *Ibidem*.

¹² *Ibidem*.

Contra esta reforma, formaram-se alguns movimentos. Entre eles podemos destacar os Anabatistas¹³. É difícil sintetizar as crenças do anabatismo, porque qualquer grupo que não fosse protestante e que administrasse o batismo em pessoas adultas era apelidado de Anabatistas. Estes defendiam o seguinte: o que realmente se tratava não era só negar o valor que se dava ao batismo das crianças, mas sim o Anabatismo era conhecido pelos seus sonhos apocalípticos e também de quererem construir uma sociedade com base num comunismo libertador, onde se opunham à autoridade do estado e causavam desordens públicas. Depois da derrota dos camponeses, este espírito fanático e exaltado permaneceu mais calmo durante algum tempo. Algum tempo mais tarde, estes voltaram a aparecer na Suíça, no sul da Alemanha, sobretudo na região da Morávia. Contudo, onde ganharam mais seguidores foi no norte da Alemanha e nos Países Baixos. Atualmente, podemos ver algumas influências suas nos Batistas, como por exemplo, a crença no batismo adulto e voluntário.

Na Suíça, Karlstadt¹⁴ (1486-1541), após ter rompido com Lutero em 1522, iniciou o caminho que Zwínglio¹⁵ (1484-1531) viria a findar. Ulrico Zwínglio acreditava no humanismo cristão no plano espiritual, segundo as normas da reforma erasmiana. Assim, o Zwinglianismo caracteriza-se por um racionalismo, um radicalismo e também um humanismo diferente ao luteranismo por uma piedade de cariz social, onde o Batismo e a Ceia deixam de ser sacramentos e passam a ser uns simples memoriais, opondo-se às formas culturais tradicionais, conferindo ao Estado poder para intrometer-se em matérias religiosas¹⁶.

Em França, Calvino¹⁷ (1509-1564) foi o grande impulsionador do protestantismo, com um pensamento, em alguns pontos, coincidente com Lutero, entre os quais, numa conceção pessimista do homem. A doutrina calvinista defende a predestinação como um mistério incutido

¹³ Cf. B. LLORCA; R. G. VILLOSLADA; F. J. MONTALBAN, *História de la Iglesia Católica III*, 687.

¹⁴ Andreas Karlstadt foi um teólogo e reformador alemão, o primeiro a fundar a teologia do batismo.

¹⁵ Ulrico Zwínglio foi um teólogo suíço e principal líder da Reforma Protestante na Suíça.

¹⁶ Cf. P. PIERRARD, *História da Igreja*, 174.

¹⁷ João Calvino foi um teólogo cristão francês, considerado o grande impulsionador da reforma protestante na França.

pela noção de um Deus todo-poderoso. Ela exige que, para além da busca da salvação, o cristão tem de honrar e servir a Deus. A sua teologia é teocêntrica e social, a piedade calvinista sente-se chamada à ação científica, à estética, para afirmar toda a parte o reino do Eterno¹⁸. Por outro lado, Calvino destaca-se de Lutero: enquanto Calvino era um simples leigo, acreditava que os leigos alcançavam a santidade numa Igreja a pregar a Palavra de Deus e o Estado a fazer reinar a ordem social. Porém, Lutero, era um monge bem despreparado em relação à sociedade¹⁹.

A doutrina calvinista chegou a Inglaterra durante o reinado de Eduardo VI (1547-1553), por mão de João Knox²⁰ (1513-1572), um discípulo de Calvino. Maria Tudor, sucessora de Eduardo VI, defendeu e restaurou, na Inglaterra, a doutrina católica. Contudo, mais tarde, quando a sua sucessora Isabel (1533-1603) subiu ao trono, constatou-se a existência de um cristianismo bastante diversificado, conservando algumas tradições católicas, que, no entanto, tinham também presente um anglicanismo protestantizado, misturando elementos calvinistas e luteranos.

Esta Reforma protestante, com influência calvinista e luterana, vai alterar o rosto da cristandade na Europa. O protestantismo dominava no norte europeu e o luteranismo tinha acabado de conquistar dois terços da Alemanha. O imperador, através do tratado de Habsburgo (1555), reconhece a existência de estados e de Igrejas Protestantes no império e aplica-se a fórmula “*cuius regio, huius religio*”, ou seja, a religião que as pessoas deveriam seguir seria a religião do governo. No entanto, quer a oeste como no sul da Alemanha, o catolicismo ainda tinha uma forte implementação. No século XVII, esta situação irá originar a guerra dos trinta anos. Nos países Bálticos, toda a Escandinávia e a Córdelândia confirmaram a sua ligação com Roma. Os Países Baixos, a Escócia e a França eram dominados pelo Calvinismo; a Suíça, a Alsácia, a Hungria, a Polónia e a Áustria eram influenciadas pelo Zwinglianismo. Na Inglaterra,

¹⁸ Cf. P. PIERRARD, *História da Igreja*, 175.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ John Knox foi um religioso reformador escocês que liderou uma reforma religiosa na Escócia, segundo a linha calvinista.

a Igreja Anglicana imperava; a Irlanda, à exceção do Norte, permanece fiel a Roma. A Itália, Espanha e Portugal, devido à influência dos Papas, dos Habsburgos, da inquisição e da reforma católica, rapidamente são purificados dos ambientes protestantes. Como a Espanha e Portugal foram pioneiros nos descobrimentos, o “novo mundo” tornou-se totalmente católico numa altura em que a Europa Ocidental se encontrava dilacerada.

Depois da reforma do século XVI, entre o protestantismo e o catolicismo existia uma relação de irmãos inimigos²¹. Durante mais de três séculos, esta relação conflituosa continuou. Assim, ainda em pleno século XIX, os protestantes não eram bem aceites, eram vistos como vendedores de Bíblias desfiguradas e falsificadas. No entanto, os protestantes foram redescobrimo valores católicos e, por sua vez, os católicos deram conta da necessidade de haver um retorno à simplicidade nas relações entre os membros da Igreja²². Neste contexto social, surge o que, hoje, denominamos como movimento ecuménico.

O movimento ecuménico surgiu pela mão das Igrejas protestantes que estavam presentes em países de missão. Nestes países, durante o século XVII e o século XVIII, já se tinha conhecimento de algumas iniciativas de reconciliação entre as Igrejas, mas só nos séculos XIX e XX passaram a existir, sobretudo dentro das próprias Igrejas, condições para haver uma maior cooperação²³.

Em 1857²⁴, em Londres, em resposta à necessidade crescente da aproximação entre os cristãos, os católicos nomeadamente Ambroise Phillips de Lisle, juntamente com os ortodoxos e os protestantes, criaram uma associação com o objetivo de rezarem juntos e assim promoverem a unidade dos cristãos.

²¹ Cf. P. PIERRARD, *História da Igreja*, 179.

²² *Ibidem*.

²³ Cf. V. HELLERN; H. NOTAKER; J. GAARDER, *O livro das religiões*, 211.

²⁴ Cf. J. BURGGRAF, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, 251.

No ano de 1910, a conferência missionária universal de Edimburgo inaugurou o ecumenismo do século XX. Nesta conferência, surgem dois movimentos: o movimento “Fé e Constituição” e o movimento “Cristianismo Prático” ou “Vida e Atividade” Estes dois movimentos são as duas linhas distintas por onde o Ecumenismo se irá desenvolver.

O primeiro movimento²⁵ é, antes de mais, um organismo que visa preparar os estudos doutrinários comparativos, ou seja, é o movimento que vai tratar de estudar as coisas que não se resolveram até agora; assim, nasce a esperança de haver uma melhor compreensão dos pontos de vista diversos relativamente à Fé e à Constituição da Igreja e uma conseqüente união entre os cristãos.

O segundo movimento²⁶ tinha um ponto de vista mais prático, tentava resolver as questões que não precisavam de ter uma prévia discussão dogmática. A primeira questão que resolveu ocorreu no ano de 1914, durante a 1ª Guerra Mundial, formulada nestes termos: “Qual o conceito cristão de guerra? As Igrejas devem fazer campanha pela cessação das hostilidades? Em que condições se deve pedir ou conceder a paz?”²⁷. Mais tarde colocaram-se questões de cariz económico, relativas à crise económica que floresceu no pós-guerra em vários países. Assim, este movimento desenvolveu várias ações conjuntas pelo ecumenismo.

No dia três de agosto de 1927, acontece a conferência de Lausanne, na Suíça. Aqui o movimento ganha uma nova dimensão com a introdução do diálogo teológico entre as diferentes Igrejas cristãs. Assim, a unidade ganha uma nova importância; deixa de ser um assunto restrito de âmbito missionário centrado na definição de práticas comuns de cariz moral e reforça a importância do questionamento da doutrina e a reformulação de alguns esquemas

²⁵ Cf. G. TAVARD, *Ecumenismo História e perspectivas atuais*, 117.

²⁶ Cf. *Ibidem*.

²⁷ *Ibidem*.

teológicos. Em suma, podemos afirmar que à unidade juntou-se o diálogo como necessidade de escuta do “outro” na busca da união²⁸.

Mais tarde, a 6 de janeiro de 1928, foi publicada a carta encíclica *Mortalium Animos*²⁹, de Pio XI, sobre a promoção da verdadeira unidade da fé cristã. Esta reconhece como única a Igreja Católica Romana.

Outro marco importante foi a criação do Conselho Ecuménico das Igrejas (CEI). Nasceu, mais tarde, em Amesterdão, em 1948. Esteve presente uma grande parte das Igrejas mundiais, onde se conheceram melhor, dialogaram e construíram pontes para a unidade. Este Conselho pretende ser “a união fraterna das Igrejas que confessam Jesus Cristo, Deus e Salvador segundo as Escrituras, e que se esforçam para responder juntas à sua comum vocação para a glória do Deus único, Pai, Filho e Espírito Santo”³⁰. Inicialmente, a Igreja Católica não olhou com bons olhos para este Conselho, mas, mais tarde, enviou observadores no intuito de conhecer melhor estas Assembleias do Conselho. Além disso, alguns pioneiros como o Pe. Paulo Couturier, fundador da “semana de oração pela unidade dos cristãos”, contribuíram fortemente para a abertura das mentalidades católicas. Mais tarde, em 1950, na Assembleia de Toronto, o CEI dá a conhecer a sua natureza e identidade eclesiológica, questionando-se sobre a identidade desta associação, ao serviço da unidade e das relações fraternais, fixando-se como condição para integrar o referido conselho a aceitação da unidade trinitária e cristológica, não sendo obrigatório renunciar à sua identidade eclesial³¹.

Atualmente, o Conselho Ecuménico das Igrejas é composto por “349 Igrejas, Denominações e Comunidades de Igrejas de mais de uma centena de países”³² e reúne três

²⁸ Cf. F. L. SOARES, «Diálogo ecuménico enquanto diálogo com o “outro”», in *Comunicação e Cultura*, 11 (2011) 67.

²⁹ PIUS PP. XI, «*Litterae encyclicae “Mortalium Animo”*», in AAS 20 (1928) 1 5-16.

³⁰ A. SAMUEL, *As religiões hoje*, 226.

³¹ Cf. J. BURGGRAF, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, 268.

³² J. E. B. PINHO, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, 40.

movimentos distintos: os dois que já referimos e o Conselho Missionário Internacional, graças ao qual se mantém viva a consciência da conexão indissolúvel entre a unidade e a missão³³.

Hoje, o Ecumenismo é um grande desafio para o Cristianismo. Com efeito, existem duas maneiras de entender o ecumenismo: «ou é promovido a partir da base e de seus gestos concretos de união e de ação comum para viver o Evangelho, sendo então o caminho que os intelectuais chamam de “orto praxia”, e os clérigos de “Ecumenismo selvagem”»³⁴ ou então, «avança lentamente, levado pelas discussões de teólogos e de especialistas, pelas negociações das hierarquias e pelas relações prudentes entre as instituições, assim temos presente a via do ecumenismo oficial ou ecumenismo da ortodoxia»³⁵.

Com o desenvolvimento do Conselho Ecuménico das Igrejas, tem sido possível dar alguns passos que vêm a favorecer a reconciliação entre as Igrejas cristãs. No entanto, o grande marco de reconciliação entre as Igrejas separadas foi o Concílio Ecuménico Vaticano II. Na Igreja católica, operaram-se grandes mudanças que trouxeram uma maior consciencialização da necessária abertura à reflexão, ao diálogo ecuménico e conseqüente desejo de unidade entre os cristãos. A partir do Papa João XXIII, todos os Bispos de Roma abraçaram, na sua agenda pastoral, esta causa do ecumenismo. O Papa João XXIII começou por formar um Secretariado para a Unidade dos Cristãos; o Papa Paulo VI e, posteriormente, João Paulo II, em 2000, reconheceram e pediram perdão pelos erros cometidos na história, causados pelas divisões entre os cristãos. Vários foram também os encontros entre os representantes das diversas igrejas e confissões cristãs, que ao longo destes últimos 50 anos foram promovidos, até ao recente encontro entre o Papa Francisco e o responsável máximo da Igreja Ortodoxa Russa, o Patriarca Kirill, ocorrido no dia 12 de fevereiro de 2016, numa sala do aeroporto de Havana, em Cuba. Destes encontros resultou uma maior aproximação, um diálogo permanente, concretizado em

³³ Cf. J. BURGGRAF, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, 269-272.

³⁴ A. SAMUEL, *As religiões hoje*, 227.

³⁵ *Ibidem*.

declarações conjuntas a favor da paz e da unidade cristã e consequentes ações de cooperação, no campo social, pastoral e doutrinal.

1.1. O Ecumenismo nos Códigos de Direito Canônico da Igreja Oriental e da Igreja de Rito Latino

O ecumenismo também é destacado nos Códigos de Direito Canônico tanto na Igreja Oriental como na Igreja de rito latino. No Código de Direito Canônico de rito latino, é alegado que “compete em primeiro lugar a todo o Colégio dos Bispos e à Sé Apostólica fomentar e dirigir o movimento ecumênico entre os católicos, cujo fim é a restauração da unidade entre todos os cristãos, que a Igreja por vontade de Cristo está obrigada a promover” (Cân. 755§1). E ainda afirma: “Compete igualmente aos Bispos e, segundo as normas do direito, às Conferências Episcopais, promover a mesma unidade e, segundo as várias necessidades e oportunidades das circunstâncias, estabelecer normas práticas, tendo em atenção as prescrições da suprema autoridade da Igreja” (Cân. 755§2). No Código de Direito Canônico da Igreja Oriental alega-se o seguinte: “O ecumenismo, ou a promoção da unidade dos cristãos, tem a ver com toda a Igreja: todos os fiéis, sobretudo os pastores, devem orar por esta plena unidade da Igreja, desejada pelo Senhor, e trabalhar com sabedoria, participando na obra ecumênica fomentada pela graça do Espírito Santo” (Cân. 902). Além disso, afirma: “As Igrejas Orientais Católicas têm a tarefa especial de favorecer a unidade entre todas as Igrejas Orientais; em primeiro lugar, com a oração, com o exemplo de vida, com a fidelidade religiosa às antigas tradições das Igrejas Orientais, com o melhor conhecimento recíproco, com a cooperação e estima fraterna das coisas e dos espíritos” (Cân. 903). E, por fim, afirma: “As iniciativas serão cuidadosamente promovidas em cada Igreja de direito próprio, por disposições especiais do

direito particular, ao mesmo tempo em que a Sé Apostólica Romana dirige o mesmo movimento em toda a Igreja” (Cân. 904§1).

É de destacar que as Igrejas do Oriente e do Ocidente, no início e durante alguns tempos, seguiram por caminhos idênticos, praticamente todas elas têm a sua origem nos Apóstolos, seguem a mesma tradição espiritual, abraçam os dogmas fundamentais da fé cristã sobre a Trindade e o Verbo de Deus encarnado da Virgem Maria, definidos em Concílios Ecumênicos no Oriente e têm pontos em comum na liturgia e também no ordenamento jurídico (Cf. UR, 14). Em suma, concluímos, que o movimento ecumênico, tendo uma história recheada de cisões e controvérsias, tem dado passos muito significativos na senda da unidade eclesial.

2. Ecumenismo

Iniciamos o presente capítulo, tecendo uma breve consideração sobre o significado do termo diálogo: este implica uma partilha entre duas pessoas ou mais, em que há uma troca de ideias com a finalidade de chegar a um entendimento mútuo. Depois, abordaremos o tema do diálogo ecuménico, que é o diálogo entre as Igrejas cristãs. Por fim, analisaremos o tema do ecumenismo no Concílio Vaticano II, nos pontificados do Papa João Paulo II e do Papa Bento XVI.

2.1. Diálogo ecuménico

O diálogo é uma ferramenta fundamental no ecumenismo, enquanto movimento relacionado com a ecumenicidade nas relações humanas, geográficas, políticas e culturais na antiguidade clássica, greco-romana. Para tal, utiliza-se, pela mesma forma, o ecumenismo, mas em prol da unidade dos cristãos³⁶. Assim sendo, o diálogo ecuménico, não inclui somente palavras e pensamentos, mas também um clima de oração e de espiritualidade necessárias para dar uma resposta coerente e determinada a uma questão tão delicada como a separação das igrejas e confissões cristãs.

Somente num clima fértil de oração comum é que poderá surgir um diálogo coerente de forma a emanar um fio condutor para uma aproximação de ambos os lados, como nos diz o Concílio (cf. UR, 18) para que haja um diálogo fraterno onde se desenvolva uma relação de

³⁶ Cf. A. ASNAGHI, *Diccionario teologico interdisciplinar I-II*, 901-913.

confiança para abrir os caminhos necessários para o debate das questões doutrinárias e das diferenças que em vez de unir tendem a separar.

Os católicos seguem a Cristo como o Bom Pastor, mas, por vezes, observa-se uma falta de conversão ou adesão a este Cristo que quis, quer e quererá a Sua Igreja unida, “para que todos sejam um só”³⁷. Observa-se, hodiernamente, que os cristãos são um pouco “ateus práticos”, vivendo como se Cristo não existisse, provocando um pouco esta falta de adesão a Cristo e à fé que professam, conduzindo a uma inércia. Podemos confirmar isto no estudo “*Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas*”³⁸, de Alfredo Teixeira, em que afirma: no universo dos inquiridos 79,5% eram católicos, 2,2% eram evangélicos, 0,2% pertenciam a outro grupo protestante, 0,5% eram ortodoxos e 0,8% pertenciam a outra religião cristã. Mas destes inquiridos à pergunta: com que frequência costuma participar ou assistir a atos de culto da Igreja ou no templo? 19,1% dos católicos, 8,9% dos protestantes incluindo os evangélicos, 50,9% pertencentes a outras Igrejas Cristãs afirmam que nunca ou quase nunca participam em atos de culto na Igreja ou no templo em contrapartida 8,3% dos católicos, 33,3% dos protestantes incluindo evangélicos e 17% participam mais de que uma vez por semana. Só poderá haver um verdadeiro diálogo ecuménico, se os seus interlocutores estiverem dispostos a isso, estando bem esclarecidos e conscientes da fé que professam. Mas para isso, têm de ter a formação necessária que passa pelo seguinte: “Escuta e estudo da Palavra de Deus”³⁹; a Igreja católica dá grande importância e considera a Sagrada Escritura, juntamente com a Sagrada Tradição «como regra suprema da sua própria fé» (DV, 21); “a Pregação”, segundo Paulo VI, “na qualidade de evangelizadores, devemos oferecer aos fiéis de Cristo a imagem, não de homens divididos e separados por conflitos que em nada edificam, mas de pessoas maduras na

³⁷ Jo 17, 21.

³⁸ Cf. ALFREDO TEIXEIRA, *Catolicismo e “outras identidades religiosas em Portugal”*, in http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal.html, acessado a 06-04-2017.

³⁹ SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Directório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, Ed. Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1993, 38.

fé, capazes de se encontrarem em conjunto para além das tensões concretas, graças à busca comum, sincera e desinteressada da verdade” (EN, 77); “a catequese”, “não consiste apenas no ensino da doutrina, mas na iniciação de toda a vida cristã, com a plena participação nos sacramentos da igreja”⁴⁰. Esta poderá ser muito importante no campo ecuménico, deverá suscitar e alimentar um verdadeiro desejo de unidade (CT, 3), deverá expor com clareza toda a doutrina (UR, 11), deverá apresentar bem todas as Igrejas cristãs; “a liturgia” é a “primeira e indispensável fonte onde os fiéis devem poder ir beber o espírito genuinamente cristão” (SC, 14), porque ela é um fator de unidade de uma celebração; a partir dela, todos os fiéis podem exprimir e manifestar aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja (SC, 2); “a vida espiritual” é importante no diálogo ecuménico; deve valorizar-se a vida espiritual e a conversão do coração: “esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecuménico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual” (UR, 8). Assim, com esta formação, ficamos mais preparados para estabelecer o diálogo pretendido por Cristo e realizar-lhe o desejo de sermos um só.

Este diálogo ecuménico só é possível com uma conversão de coração para Cristo, Único e Verdadeiro Pastor da Sua Igreja. Assim, com oração, diálogo esclarecido, caridade e amor, a humanidade conseguirá unir o que há anos foi separado.

De seguida, procuraremos destacar e sintetizar os principais marcos e conteúdos da promoção do diálogo ecuménico, realizado por iniciativa da Igreja Católica. Situar-nos-emos no Concílio Vaticano II e no magistério dos Papas João Paulo II e Bento XVI.

⁴⁰ *Ibidem.*

2.2. O Concílio Vaticano II e o Ecumenismo

Todos os Concílios ecuménicos que se realizaram até à data de hoje são “a celebração solene da união de Cristo e da sua Igreja, e por isso levam à irradiação universal da verdade, à reta direção da vida individual, doméstica e social, ao reforço das energias espirituais, em perene elevação para os bens verdadeiros e eternos”⁴¹.

No Concílio Vaticano II foi proposto às diversas comunidades cristãs que se reconciliassem de uma forma individual e comunitária, com a finalidade de realizarem um compromisso que as levasse a crescer em unidade, pois Cristo fundou uma única Igreja, chamada por Ele a ser instrumento de unidade (cf. UR, 15).

O Concílio foi anunciado e convocado pelo Papa João XXIII na basílica de São Paulo Extramuros no dia 25 de janeiro de 1959, festa de Conversão de São Paulo, diante do Sacro Colégio dos Cardeais. Esta notícia foi “uma irradiação de luz sobrenatural, uma grande suavidade nos olhos e no coração. E, ao mesmo tempo, um fervor, um grande fervor que se despertou, de repente, em todo o mundo, na expectativa da celebração do Concílio”⁴².

Na abertura solene do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII afirma que este brota, não para ser:

“uma discussão de um ou outro tema da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos Padres e dos Teólogos antigos e modernos, que se supõe sempre bem presente e familiar ao nosso espírito. Para isto, não havia necessidade de um Concílio. Mas da renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, na sua integridade e exatidão, como ainda brilha nas atas conciliares desde Trento até ao Vaticano I, o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das

⁴¹ JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio, 11 de outubro de 1962*, in http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html, acedido a 06-04-2017.

⁴² *Ibidem*.

consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo”⁴³.

A família cristã, infelizmente, ainda não atingiu plenamente esta visível unidade na verdade. Assim sendo,

“a Igreja Católica julga, portanto, dever seu empenhar-se ativamente para que se realize o grande mistério daquela unidade, que Jesus Cristo pediu com oração ardente ao Pai celeste, pouco antes do seu sacrifício. Ela goza de paz suave, bem convicta de estar intimamente unida com aquela oração; e muito se alegra depois, quando vê que essa invocação estende a sua eficácia, com frutos salutares, mesmo àqueles que estão fora do seu seio”⁴⁴.

Portanto, católicos e não católicos têm de ir em busca, através da oração, do desejo da unidade, a partir do respeito mútuo.

2.3. Decreto *Unitatis Redintegratio*

Este decreto, tal como muitos do Concílio Vaticano II, passou por várias fases, muito árduas para os Padres conciliares⁴⁵. O tema do ecumenismo foi muito considerado pelos Padres conciliares, pois, este documento continha, inicialmente, cinquenta e cinco páginas, com alusão aos problemas da união, aos problemas dos ortodoxos, anglicanos e protestantes e à “*communicatio in sacris*”. A Comissão Teológica, depois de examinar o material fornecido pelo secretariado, edita em 1963 uma nova edição, fruto deste trabalho realizado de 12 a 20 de junho de 1962. A 22 de abril, o Papa João XXIII autoriza que façam chegar aos Padres conciliares os primeiros três capítulos, a saber: princípios do ecumenismo católico, prática do

⁴³ *Ibidem*.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ Cf. SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Decretum de Oecumenismo “Unitatis Redintegratio”*», in AAS 57 (1965) 90-107.

ecumenismo e as igrejas separadas da Igreja católica. Numa das edições⁴⁶, em língua portuguesa, onde foram publicados os documentos do Concílio Vaticano II, encontramos na sua introdução os seguintes elementos: realizaram-se 143 intervenções orais e 156 escritas, entre os dias de 18 de novembro a 2 de dezembro de 1963, nas primeiras congregações gerais. O secretariado propôs muitas correções e em abril de 1964, com um texto novo e corrigido, foi aprovado pelo Santo Padre e enviado para os Padres conciliares. O documento foi a votos⁴⁷, com os 2129 votantes, inicialmente com 2054 *placet*; 64 *non placet* e 11 nulos e depois com 2137 *placet* e 11 *non placet*. De seguida, Sua Santidade o Papa Paulo VI promulgou solenemente o decreto.

Com este decreto a Igreja Católica juntou-se ao movimento ecuménico, deixando para trás uma maneira de pensar em uma unidade da Igreja como um retorno a Roma⁴⁸.

Assim, este decreto, estabelece as bases doutrinárias e as orientações pastorais sobre o ecumenismo no seio da Igreja católica romana, desenvolvendo-se ao longo de três capítulos⁴⁹: o primeiro capítulo “Princípios católicos do ecumenismo” (UR, 2-4), trata da teologia e reconhece o movimento ecuménico como o fruto da graça do Espírito Santo; o segundo capítulo “A prática do ecumenismo” (UR, 5-12), dá força, sobretudo, ao ecumenismo espiritual (UR 8-9) e à cooperação (UR 12); o terceiro e último capítulo “As Igrejas e Comunidades Eclesiais separadas da Sé Apostólica Romana” busca encontrar uma maior compreensão e relação entre os cristãos, estabelecendo assim considerações diferentes entre as Igrejas do Oriente (UR 14-18) e as do Ocidente (UR 19-23).

Assim, este decreto manifesta uma sensibilidade, por parte da Igreja Católica, para responder à vontade de Cristo, pois Ele fundou uma só e única Igreja:

⁴⁶ *Ibidem*.

⁴⁷ *Ibidem*.

⁴⁸ Y. CONGAR, *Mon Journal du Concile I*, 417.

⁴⁹ E. WOLF, «O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II» in *Atualidade Teológica* 39 (2011) 411.

“Este movimento de unidade é chamado ecuménico. Participam dele os que invocam Deus Trino e confessam a Cristo como Senhor e Salvador, não só individualmente, mas também reunidos em assembleias. Cada qual afirma que o grupo onde ouviu o Evangelho é Igreja sua e de Deus. Quase todos, se bem que de modo diverso, aspiram a uma Igreja de Deus una e visível, que seja verdadeiramente universal e enviada ao mundo inteiro, a fim de que o mundo se converta ao Evangelho e assim seja salvo, para glória de Deus (UR, 1).

O Concílio visou o favorecimento desta união de todos os cristãos, propondo à comunidade católica um empenhamento, canalizador de todos os meios possíveis, caminhos e formas que favoreçam o restabelecimento da unidade entre os cristãos; assim, é “necessário que os fiéis católicos, no projeto ecuménico, se preocupem com os irmãos separados, rezando por eles, comunicando com eles sobre os assuntos da Igreja, dando os primeiros passos em direção a eles (UR, 4).

Portanto, o movimento ecuménico só obterá bons frutos quando houver uma verdadeira conversão interior por parte dos fiéis, uma grande oração de uns irmãos pelos outros e principalmente a humildade de pedir perdão a Deus e aos irmãos separados, assim “como também nós perdoamos àqueles que nos ofenderam” (Cf. UR 7-8)

O movimento ecuménico requer a escuta minuciosa dos sinais dos tempos com iniciativas e atividades para este fim, evitando-se “palavras, juízos e ações que, segundo a equidade e a verdade, não correspondem à condição dos irmãos separados” (UR, 4), e dando relevância ao diálogo para possibilitar o esclarecimento das diferenças e clareza nas características, para assim superar os impedimentos que possibilitam uma “única celebração da Eucaristia e na unidade de uma única Igreja” (UR, 4). Com os irmãos separados, tem-se uma preocupação de rezar por eles e com eles, de forma a dialogar sobre a tradição e os ensinamentos de Cristo, mesmo que estes não vivam fervorosamente o que querem transmitir aos outros, pois tudo o que é verdadeiramente cristão não se pode opor a Cristo, mas sim usar-se para melhor se entender este mistério e facilitar a união.

A prática do ecumenismo é da responsabilidade de toda a Igreja⁵⁰, estando ao serviço da união desta, ou seja, dos fiéis e dos pastores. A renovação da Igreja alicerça-se não só numa maior fidelidade à própria vocação, mas também com o auxílio de catequeses, movimentos bíblicos e litúrgicos, na pregação da Palavra de Deus e também no campo social e da família. Só pela oração e conversão interior de coração é que se poderá realizar o diálogo ecuménico, com a consciência da nossa fragilidade humana, enquanto pecadores, voltando-nos sempre para o amor e caridade para com o próximo; com a oração pela unidade chega-se ao ecumenismo espiritual, recordando a vontade de Cristo “Que todos sejam um só”⁵¹ e apelando à unidade de todos os cristãos em oração pelos irmãos separados.

Para que seja possível estar em oração com os irmãos separados é necessário conhecê-los, apreciar o valor eclesial das suas Igrejas⁵², bem como a sua doutrina e história, vida espiritual e litúrgica, a sua psicologia e cultura em que vivem, pois só assim reunirão as condições necessárias para compreender e dialogar convenientemente com eles. A Teologia e outras disciplinas, como as histórias, devem ser lecionadas também sob o ponto de vista ecuménico, para, assim, responderem melhor às necessidades atuais, sendo a formação do povo de Deus dependente, em grande medida, da formação dos sacerdotes. A exposição clara e fiel da fé não deve ser obstáculo para o diálogo dos irmãos e esta deve ser devidamente explicada para que todos a possam perceber e sentir-se vocacionados a aprofundar da fé em Cristo, que é o vínculo de ligação para os irmãos, com a fé no Deus Uno e Trino. Como nos afirma o Cardeal Walter Kasper⁵³, como somos irmãos cristãos de diferentes Igrejas e Comunidades eclesiais ao aproximarmo-nos vamo-nos apercebendo das diferenças e das dificuldades transitórias que temos de enfrentar para caminharmos em unidade e responder ao pedido do Senhor “Que todos

⁵⁰ Cf. M. NICOLAU, *Decreto sobre el ecumenismo. Texto y comentario*, 378.

⁵¹ Cf. Jo. 17,21

⁵² M. NICOLAU, *Decreto sobre el ecumenismo. Texto y comentario*, 375.

⁵³ Cf. C.W. KASPER, *La teología ecuménica: situación actual*, 48.

sejam um”⁵⁴ e assim também podemos ver a frustração dos cristãos por um lado positivo⁵⁵, pois sofrem por ainda não participarem juntos na festa do Senhor.

Como nos afirma o Padre Manuel Morujão “A UR é um marco miliário de capital importância nas estradas que levam ao cumprimento da vontade expressa por Cristo”⁵⁶ e o Concílio Vaticano II é visto como quem “dobra o cabo das tormentas, das incompreensões, inimizades e lutas históricas entre cristãos para o cabo da boa esperança do ecumenismo”⁵⁷.

As outras confissões cristãs também estiveram presentes na aprovação deste decreto; de notar que os padres orientais demonstraram grande interesse, o que levou a uma maior aproximação.

Em 1964 no dia 5 de janeiro, começaram a realizar-se os pedidos expressos no decreto que tratamos. O Papa Paulo VI e o Patriarca ecuménico de Constantinopla, Atenágoras, através do ósculo da paz mostraram o início do desejo da reconciliação, tendo o Papa Paulo VI afirmado: “Grande é a nossa emoção, a nossa profunda alegria neste momento verdadeiramente histórico, depois de séculos de espera, as Igrejas Católica e Ortodoxa se fazem novamente presentes nas pessoas de seus representantes mais aptos”⁵⁸.

2.3. O Ecumenismo no magistério de João Paulo II.

João Paulo II, na cerimónia de boas-vindas na cidade de Oslo em 1989, afirmou-nos que “desde o início do meu Pontificado, o ecumenismo foi uma prioridade da minha preocupação e

⁵⁴ Cf. Jo.17,21

⁵⁵ Cf. C.W. KASPER, *La teología ecuménica: situación actual*, 48.

⁵⁶ M. MORUJÃO, *Ser cristão à luz do Vaticano II*, 161.

⁵⁷ *Ibidem*, 172.

⁵⁸ PAULO VI, *Saudação do Papa Paulo VI para a sua beatitude Atenágoras Patriarca ecuménico de Constantinopla*, in http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_athenagoras.html acedido a 06/04/2017.

atividade pastoral”⁵⁹. O ecumenismo sempre esteve na ordem de trabalhos do santo, daí resultou a encíclica “Ut Unum Sint” que abordarei no subcapítulo seguinte. Mas não foi só com palavras que o ecumenismo se salientou no seu pontificado, mas também os gestos e os encontros com os irmãos das outras Igrejas Cristãs traçaram caminhos de reaproximação das Igrejas ao longo do seu pontificado.

Os encontros ecuménicos que se destacaram ao longo do seu pontificado foram os seguintes: no dia 9 de março de 1980, teve um encontro com o Arcebispo de Canterbury, Robert Runcie, de onde viria a surgir, mais tarde, no dia 29 de maio de 1982, uma declaração conjunta, onde afirmam que o progresso comum depende do “diálogo que se foi estabelecendo há uns 40 anos e graças ao qual, católicos e anglicanos procuraram encontrar o caminho da unidade da fé e da comunhão que desejava Cristo para a Sua Igreja”⁶⁰.

No dia 3 de dezembro de 1987, encontra-se com o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Sua Santidade Dimitrios I, e assinam uma declaração “afirmando o desejo de caminhar no diálogo e compreensão entre o Patriarcado e a Igreja Católica”⁶¹.

A 5 de outubro de 1991, na Basílica Vaticana, por ocasião do centenário da canonização de Santa Brígida da Suécia, houve uma celebração ecuménica, onde, pela primeira vez desde a Reforma, o Papa rezou juntamente com dois bispos luteranos e os bispos católicos de Estocolmo e Helsínquia. Nesse mesmo ano, no dia 7 de dezembro, por ocasião da Assembleia Especial

⁵⁹ JOÃO PAULO II, *Cerimónia de boas-vindas em Oslo, discurso do Papa João Paulo II*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1989/june/documents/hf_jp-ii_spe_19890601_arrivo-norvegia.html, acessado a 06-04-2017.

⁶⁰ JOÃO PAULO II; ROBERT RUNCIE, *Declaração conjunta de João Paulo II e do arcebispo de Canterbury no dia 29 de maio de 1982*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820529_dichiarazione-comune.html acessado a 06-10-2016.

⁶¹ JOÃO PAULO II; DIMITRIOS I, *Declaração comum do Papa João Paulo II e do Patriarca Ecuménico Dimitrios I a 7 de dezembro de 1987*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/december/documents/hf_jp-ii_spe_19871207_dichiarazione-comune.html acessado a 06-04-2017.

para a Europa do Sínodo dos Bispos, houve, na Basílica Vaticana, mais uma celebração ecuménica.

A 27 de junho de 1995, São João Paulo II recebe a visita de Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, e assinam uma declaração conjunta onde afirmam:

“Nas nossas Igrejas a sucessão apostólica é fundamental para a santificação e para a unidade do povo de Deus. Considerando que em cada Igreja local se concretize o mistério do amor divino, e que a Igreja de Cristo, desta forma manifeste a sua presença ativa em cada uma delas, com a missão de que as nossas Igrejas se reconheçam como Igrejas irmãs, responsáveis em conjunto para salvaguardar a única Igreja de Deus na fidelidade ao plano divino, de uma forma muito especial no que diz respeito à unidade”⁶².

No dia 18 de janeiro do ano 2000, foi a abertura da Porta Santa da Basílica de São Paulo Extramuros, onde houve uma celebração ecuménica com os representantes das Igrejas e Comunidades eclesiais. No mesmo ano, no dia 7 de maio, no Coliseu, ocorreu uma comemoração ecuménica das testemunhas da fé do Século XX.

No ano seguinte, no dia 25 de janeiro, realizou-se uma celebração ecuménica na Basílica de São Paulo Extramuros, na conclusão da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

Em 2002, no dia 11 de março, o Papa João Paulo II teve uma audiência com a delegação da Igreja Ortodoxa da Grécia, presidida pelo Metropolita de Attikis Panteleimon. No mesmo ano, no dia 4 de outubro, por ocasião do VII Centenário do nascimento de Santa Brígida da Suécia, Co Padroeira da Europa, realizou-se, na Basílica Vaticana, uma celebração ecuménica das Vésperas.

No ano 2003, de 2 a 5 de outubro, o Santo Padre João Paulo II fez uma visita ao Arcebispo de Canterbury e Primaz da Comunhão Anglicana, Dr. Rowan Douglas Williams.

⁶² JOÃO PAULO II; BARTOLOMEU I, *Declaração conjunta com assinatura de João Paulo II e Sua Santidade Bartolomeu I a 29 de junho de 1995*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1995/june/documents/hf_jp-ii_spe_19950629_dichiaraz-comune.html acedido a 06-04-2017.

Em 2004, no dia 29 de junho, visitou o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Bartolomeu I, onde assinaram uma declaração conjunta, formulando-se votos para o restabelecimento do diálogo teológico. No mesmo ano, a 25 de agosto, o Santo Padre realizou um dos últimos acontecimentos que aproximou a Igreja Católica à Igreja Ortodoxa, ao entregar o ícone da Mãe de Deus Kazan ao Patriarca Aléxis II. Junto da Imagem rezou uma oração, onde pede a intercessão da Mãe de Deus de Kazan, para que aconteça, o mais rápido possível, a reconciliação entre o ocidente e o oriente:

“Ó bendita entre todas as mulheres, ao venerar o teu Ícone nesta Cidade marcada pelo sangue dos Apóstolos Pedro e Paulo, o Bispo de Roma une-se espiritualmente ao seu Irmão no ministério episcopal, que preside como Patriarca da Igreja ortodoxa russa. E pede-te, Mãe Santa, que intercedas para que se apresse o tempo da plena unidade entre o Oriente e o Ocidente, da plena comunhão entre todos os cristãos”⁶³.

Ainda nesse ano, no dia 27 de novembro, houve a entrega das Relíquias dos Santos Gregório Nazianzeno e João Crisóstomo ao Patriarca Ecuménico de Constantinopla, Bartolomeu I. Nesse dia, o Papa voltou a insistir na reconciliação das Igrejas,

“Este é o "momento favorável" para unir à sua intercessão a nossa oração, para que o Senhor apresse a hora em que poderemos juntos, na celebração da Santa Eucaristia, viver a plena comunhão, e contribuir assim de maneira mais eficaz para fazer com que o mundo creia que Jesus Cristo é o Senhor”⁶⁴.

Como podemos verificar, grande foi o empenho e o esforço que o Santo Padre João Paulo II fez pelo ecumenismo e pelo diálogo inter-religioso. Todos estes encontros, entre outros, “são gestos de abertura do testemunho em favor da paz e da abertura ecuménica e inter-religiosa. Não há dúvida de que o seu legado fundamental estará definitivamente ligado a tais gestos,

⁶³ JOÃO PAULO II, *Celebração da Palavra para a entrega do Ícone da Mãe de Deus de Kazan à Igreja Ortodoxa Russa*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040825.html acedido a 06-04-2017.

⁶⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta do Papa João Paulo II ao Patriarca de Constantinopla Bartolomeu I*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2004/documents/hf_jpii_let_20041127_consegna-reliquie.html acedido a 06-04-2017.

muito mais decisivos do que todos os documentos lançados no seu pontificado”⁶⁵. Assim, através desta abertura e destes gestos, a Igreja não se sente como uma realidade voltada para si mesma, mas aberta ao Reino de Deus, o mistério da redenção que envolve todas as confissões cristãs⁶⁶.

2.3.1. A Encíclica *Ut Unum Sint*

Ao longo do seu ministério Petrino, o Papa João Paulo II destacou sempre o ecumenismo, dando-lhe grande relevância. Em 1995, como se estava a aproximar um novo milénio São João Paulo II afirma:

“entre as súplicas mais ardentes desta hora excepcional que é o aproximar-se do novo Milénio, a Igreja implora do Senhor que cresça a unidade entre todos os cristãos das diversas Confissões até à obtenção da plena comunhão. Faço votos de que o Jubileu seja a ocasião propícia para uma frutuosa colaboração visando colocar em comum as muitas coisas que nos unem, e que são seguramente mais do que aquelas que nos dividem. Muito ajudaria nesta perspectiva se, no respeito dos programas das diversas Igrejas e Comunidades, se alcançassem acordos ecuménicos na preparação e celebração do Jubileu: este ganharia assim mais força ainda, testemunhando ao mundo a decidida vontade de todos os discípulos de Cristo de conseguirem o mais rapidamente possível a plena unidade, na certeza de que «a Deus nada é impossível»” (TMA, 16).

E uma das principais referências⁶⁷ do seu empenho ecuménico é a Carta Encíclica *Ut Unum Sint*⁶⁸, publicada a 25 de maio de 1995, logo após a Carta Apostólica *Orientalis Lumen*⁶⁹, sobre a riqueza das Igrejas Orientais. Este documento revestiu-se de uma grande novidade, pois

⁶⁵ Cf. F. TEIXEIRA, “Os 25 anos de pontificado de João Paulo II” (2004) in <https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-PT&q=++Cf.+F.+TEIXEIRA%2C+%22Os+25+anos+de+pontificado+de+Jo%C3%A3o+Paulo+II.%22+%282004%29.%28+&btnG=&lr=accedido+a+06-04-2017.>

⁶⁶ Cf. E. WOLF, «O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II » in *Atualidade Teológica* 39 (2011) 411.

⁶⁷ Cf. S. MADRIGAL, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “Unitatis redintegratio” a “Ut unum sint”», in *Sal Terrae*, 10 (1999) 789.

⁶⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, «*Litterae encyclicae “Ut Unum Sint”* » AAS 87, 1995, 921-982.

⁶⁹ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, «*Epistula apostólica “Orientalis lumen”*» in AAS 87 (1995) 745-774.

o último documento semelhante era a Carta Encíclica *Mortalium Animos*⁷⁰, publicada pelo Papa Pio X, em 1928.

Esta Carta Encíclica, de índole pastoral, está dividida em três partes: 1- O empenho ecuménico da Igreja Católica; 2- Os frutos do diálogo; 3- Quanta est nobis via. Ao longo desta carta, o Papa procura reler o Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio* e reforçar a importância do empenho da Igreja Católica na tarefa ecuménica assumida pelo Concílio Vaticano II⁷¹. Esta ideia começa logo a ser expressa no início do documento: “O Concílio Vaticano II exprime a decisão da Igreja de assumir a tarefa ecuménica em prol da unidade dos cristãos e de propô-la convicta e vigorosamente: «Este sagrado Concílio exorta todos os fiéis a que, reconhecendo os sinais dos tempos, solícitamente participem do trabalho ecuménico» (UUS, 8) E quase a findar o documento esta ideia volta a ser reforçada:

“Considerando a importância que a Assembleia Conciliar atribuiu à obra de restauração da unidade dos cristãos, nesta nossa época de graça ecuménica, pareceu-me necessário corroborar as convicções fundamentais que o Concílio esculpiu na consciência da Igreja Católica, recordando-as à luz dos progressos entretanto realizados para a plena comunhão de todos os batizados” (UUS, 100).

Também nesta linha de ideias, o Bispo de Roma afirma que o ecumenismo:

“não é só uma espécie de «apêndice», que se vem juntar à atividade tradicional da Igreja. Mas pelo contrário, pertence organicamente à sua vida e ação, devendo, por conseguinte, permeá-la no seu todo e ser como que o fruto de uma árvore que cresce sadia e viçosa até alcançar o seu pleno desenvolvimento” (UUS, 20).

⁷⁰Cf. PIUS PP. XI, «*Litterae encyclicae “Mortalium Animos”*», in AAS 20 (1928) 1 5-16.

⁷¹ Cf. J. E. B. PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 454.

Alerta, também, que “toda a vida dos cristãos está marcada pela solicitude ecuménica e, de certo modo, eles são chamados a deixarem-se plasmar por ela” (UUS, 15) ou seja o ecumenismo é essencial ao cristão⁷².

Um segundo ponto importante salientado na encíclica é a dimensão espiritual de toda a tarefa ecuménica. O ecumenismo “aparece assim como uma tarefa de conversão, de renovação evangélica, de busca de fidelidade mais integral ao Evangelho e à intenção de Jesus para a sua Igreja”⁷³, ou seja, deve ser uma conversão de todos, como nos aponta a encíclica: “o empenho ecuménico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, ambas induzindo depois à necessária purificação da memória histórica” (UUS, 2), sendo a oração⁷⁴ conjunta um meio importante para se retomar a unidade desejada e assim ultrapassar os obstáculos que até agora têm impedido a comunhão. Mas para um melhor ecumenismo os cristãos devem reconhecer as suas falhas, erros e pecados que deram origem à sua separação e, nesse campo, este documento é pioneiro porque reconhece a culpa também dos católicos pela rutura da unidade,

“a Igreja Católica reconhece e confessa as fraquezas dos seus filhos, consciente de que os seus pecados constituem igualmente traições e obstáculos à realização dos desígnios do Salvador. Sentindo-se constantemente chamada à renovação evangélica, ela não cessa de fazer penitência. Mas, ao mesmo tempo e mais vigorosamente, reconhece e exalta a força do Senhor que, tendo-a cumulado com o dom da santidade, a atrai e conforma à sua paixão e ressurreição” (UUS, 2).

Assim, tomando esta decisão de reconhecimento, o diálogo ecuménico é também uma forma de exame de consciência (UUS, 34), um diálogo de conversão (UUS, 84). Na base deste diálogo está a importância da oração conjunta:

⁷² Cf. A. MATABOSCH «La encíclica “*Ut Unum sint*” Una visión ecumenica prometedora», in *Diálogo Ecuménico*, 101 (1996) 328.

⁷³ Cf. J. E. B. PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 456.

⁷⁴ Cf. H. VALL «Metodología ecuménica según la encíclica “*Ut Unum sint*”», in *Diálogo Ecuménico*, 101 (1996) 346.

“Se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo, crescerá a sua consciência de como é reduzido o que os divide em comparação com aquilo que os une. Favorecendo uma cultura do encontro, sempre mais assiduamente diante de Cristo pela oração, os cristãos poderão ganhar coragem para enfrentar toda a dolorosa realidade humana das divisões, e reencontrar-se-ão juntos naquela comunidade da Igreja, que Cristo fundou pela ação do Espírito Santo, apesar de todas as debilidades e limitações humanas” (UUS, 22).

Outro aspeto que se destaca nesta encíclica é que ela se revê no seu conjunto “como um contributo à consolidação dos resultados obtidos no diálogo ecuménico nestes trinta anos de pós-concílio”⁷⁵. A segunda parte do documento é toda ela dedicada a pôr em relevo os frutos desse diálogo, frutos esses que vão desde “a fraternidade reencontrada à solidariedade no serviço aos homens, desde as convergências redescobertas na Palavra de Deus e na celebração da fé, ao reconhecimento crescente dos bens presentes noutros cristãos”⁷⁶.

Nesta linha, a encíclica sublinha a importância da relação existente entre ecumenismo e a busca da verdade, ou seja, o ecumenismo só pode acontecer em vista da busca da verdade:

“O amor à verdade é a dimensão mais profunda de uma autêntica procura da plena comunhão entre os cristãos. Sem esse amor, seria impossível enfrentar as reais dificuldades teológicas, culturais, psicológicas e sociais que se encontram ao examinar as divergências. A esta dimensão interior e pessoal, está inseparavelmente associado o espírito de caridade e de humildade: caridade para com o interlocutor, humildade para com a verdade que se descobre e que poderia exigir revisão de afirmações e de atitudes” (UUS, 36).

Chega mesmo a salientar que é por intermédio do ecumenismo que “as comunidades cristãs são ajudadas a descobrir a insondável riqueza da verdade” (UUS, 38).

Outro ponto que se destaca na encíclica é a perspectiva que devemos continuar a caminhar para a plena comunhão, possível de alcançar, respeitando a unidade na legítima

⁷⁵ Cf. J. E. B. PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 458.

⁷⁶ *Ibidem*.

diversidade (UUS, 64). Há aqui uma valorização do caminho feito até agora para atingirmos a unidade, a reconciliação, mas é também alertado o seguinte:

“as estruturas da Igreja no Oriente e no Ocidente foram-se naturalmente formando na linha daquele património apostólico. A sua unidade, dentro do primeiro milénio, mantinha-se naquelas mesmas estruturas, por meio dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, em comunhão com o Bispo de Roma. Se hoje, no final do segundo milénio, procuramos restabelecer a plena comunhão, é a esta unidade, assim estruturada, que nos devemos referir” (UUS, 55),

salientando que “as estruturas de unidade, que existiam antes da divisão, são um património de experiência que guia o nosso caminho para o reencontro da plena comunhão” (UUS, 56).

Um dos últimos pontos que merecem atenção por parte da encíclica é a questão do ministério da unidade do bispo de Roma, “a comunhão de todas as Igrejas particulares com a Igreja de Roma é uma condição necessária para a unidade visível, ou seja, é um serviço de comunhão”⁷⁷, este, é um tema crucial no diálogo ecuménico operado entre a Igreja Católica e as outras Igrejas. A encíclica reforça a importância desta questão para a Igreja Católica: “a Igreja Católica, tanto na sua praxis como nos textos oficiais, sustenta que a comunhão das Igrejas particulares com a Igreja de Roma e dos seus Bispos com o Bispo de Roma é um requisito essencial — no desígnio de Deus — para a comunhão plena e visível” (UUS, 97), e ainda “...a Igreja Católica está consciente de ter conservado o ministério do Sucessor do apóstolo Pedro, o Bispo de Roma, que Deus constituiu como “perpétuo e visível fundamento da unidade” (UUS, 88), pede perdão pelas falhas que os papas tenham cometido ao longo do exercício deste ministério, “porquanto sejamos disso responsáveis, como o meu predecessor Paulo VI, imploro perdão” (UUS, 88), reforçando o seguinte:

“todas as Igrejas estão em comunhão plena e visível, porque todos os Pastores estão em comunhão com Pedro, e, desse modo, na unidade de Cristo. Com o poder e autoridade sem

⁷⁷ A. MATABOSCH «La encíclica “*Ut Unum sint*” Una visión ecuménica prometedora», in *Diálogo Ecuménico*, 101 (1996) 332.

os quais tal função seria ilusória, o Bispo de Roma deve assegurar a comunhão de todas as Igrejas. Por este título, ele é o primeiro entre os servidores da unidade” (UUS, 95).

O Papa João Paulo II afirma claramente:

“como Bispo de Roma, sei bem — e confirmei-o na presente Carta encíclica — que a comunhão plena e visível de todas as Comunidades, nas quais em virtude da fidelidade de Deus habita o seu Espírito, é o desejo ardente de Cristo. Estou convicto de ter a este propósito uma responsabilidade particular, sobretudo quando constato a aspiração ecuménica da maior parte das Comunidades cristãs, e quando ouço a solicitação que me é dirigida para encontrar uma forma de exercício do primado que, sem renunciar de modo algum ao que é essencial da sua missão, se abra a uma situação nova” (UUS, 95).

Em forma de conclusão, afirmamos que esta encíclica pode considerar-se “uma releitura do ensino do Concílio Vaticano II feita à luz da experiência pessoal do Papa João Paulo II”⁷⁸. Esta foi bem aceite pelo Metropolita Damaskinos Papandreou, que afirmou “como hierarca Ortodoxo, tenho que confessar que a encíclica *Ut Unum Sint* constitui um passo corajoso e essencial da Igreja Católica Romana para reforçar a credibilidade e as perspectivas dos diálogos teológicos bilaterais e multilaterais no sentido do restabelecimento da comunhão eclesial, pelo menos entre a Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica Romana, as quais focalizam as suas divergências sobretudo na maneira de fundamentar e de aplicar o primado do Bispo de Roma na Igreja”⁷⁹; e também por Ismael Noko, Secretário Geral da Federação Luterana Mundial. Para ele, a presente encíclica é “uma reafirmação energética e positiva do compromisso da Igreja Católica Romana a favor da unidade cristã. No seu compromisso público pela unidade visível da Igreja de Cristo, na Igreja Católica Romana não tem paralelo”⁸⁰.

⁷⁸ Cf. J. E. B. PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 457.

⁷⁹ *Ibidem*, 466.

⁸⁰ *Ibidem*, 466-467.

2.4. O Ecumenismo no magistério de Bento XVI

Desde o início do seu pontificado, o Papa Bento XVI colocou o ecumenismo como uma das suas prioridades. Na sua visita a Colónia, na Alemanha, ele afirmou:

“Sendo eu mesmo proveniente deste País, conheço bem a situação dolorosa que a rutura da unidade na profissão da fé causou a tantas pessoas e famílias. Também por este motivo, imediatamente após a minha eleição para Bispo de Roma, como Sucessor do Apóstolo Pedro, manifestei o firme propósito de assumir a recuperação da unidade plena e visível dos cristãos como uma prioridade do meu Pontificado. Com isto quis prosseguir conscientemente os passos dos meus grandes Predecessores: de Paulo VI que, há já mais de quarenta anos, assinou o Decreto conciliar sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, e de João Paulo II, que fez depois deste documento o critério inspirador do seu agir”⁸¹.

Outros motivos foram os seguintes: ter sido perito do Concílio, o braço direito de João Paulo II nas questões doutrinárias e teólogo conhecedor da problemática ecuménica.

Alguns dos pontos que se salientam no pontificado de Bento XVI são: “Em primeiro lugar, e como fato mais notável, está o esforço desenvolvido no sentido de aproximar de Roma os cristãos ortodoxos do Oriente de tradições bizantina, síria e eslava”⁸²; em relação ao diálogo com as Igrejas e Comunidades Eclesiais do Ocidente,

“observa-se em Bento XVI a preocupação de centrar o debate católico-protestante na questão da natureza da Igreja. Pressente-se aí a vontade de acentuar a exigência de um “ecumenismo da verdade”, que explicita até ao fim o sentido e o valor da visão católica da Igreja e provoque a possibilidade de um reexame da debilidade eclesiológica existente no campo evangélico”⁸³.

Por último,

⁸¹ BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecuménico no palácio episcopal de Colónia* in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html acedido a 06-04-2017.

⁸²J. E. B. PINHO, *O Ecumenismo no Pontificado de Bento XVI* in http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/o_ecumenismo_no_pontificado_de_bento_xvi.html acedido a 06-04-2017.

⁸³ *Ibidem*.

“um terceiro aspeto que ressalta nas palavras e no tom geral das intervenções de Bento XVI sobre o ecumenismo é a afirmação de um propósito firme de trabalhar a favor da unidade, acompanhada de um grande realismo, de uma consciência aguda quanto às enormes dificuldades que acompanham esta complexa tarefa”⁸⁴.

Ao longo do seu pontificado, o Santo Padre participou em vários encontros ecuménicos. No dia 30 de junho de 2005, recebeu a Delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla onde reforçou a ideia de comunhão,

“Juntos, queremos continuar a percorrer o caminho da comunhão e, em conjunto, realizar novos passos e gestos, que levem a ultrapassar as restantes incompreensões e divisões, tendo em mente o facto de que "para restabelecer a comunhão e a unidade, é preciso que não se vos imponham outras obrigações além destas, que são indispensáveis”⁸⁵.

Ainda nesse ano, por ocasião das Jornadas Mundiais da Juventude, em Colónia, no dia 19 de agosto, no Palácio Episcopal, realizou-se um encontro ecuménico onde salienta a importância da Alemanha no ecumenismo e na aproximação dos cristãos

“Estou bem consciente de que muitos cristãos na Alemanha, e não só aqui, contam com ulteriores passos concretos de aproximação e também eu conto com eles. De fato, é o mandamento do Senhor, mas também o imperativo do momento presente, de continuar de modo convicto o diálogo a todos os níveis da vida da Igreja. Sem dúvida, isto deve realizar-se com sinceridade e realismo, com paciência e perseverança na fidelidade ao ditado da consciência, cientes de que é o Senhor que depois doa a unidade, que não somos nós quem a criamos, mas é Ele quem a doa, mas que devemos ir ao Seu encontro”⁸⁶.

Em 2008, no dia 18 de abril, no decorrer da sua viagem Apostólica aos estados unidos da América, participou no encontro ecuménico na Igreja de São José onde salienta que, “...em primeiro lugar temos que recordar que a unidade da Igreja deriva da perfeita unidade da

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI à Delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050630_deleg-costantinopoli.html acedido a 06-04-2017.

⁸⁶ BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecuménico no Palácio Episcopal de Colónia*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html acedido a 06-04-2017.

Trindade. O Evangelho de João diz-nos que Jesus pediu ao Pai que os seus discípulos fossem um só, "como Tu... estás em mim e Eu em ti".⁸⁷

Em 2009, no dia 15 de maio, a propósito da Peregrinação do Santo Padre à Terra Santa, participou no encontro ecuménico que decorreu na sala do Trono da Sede do Patriarcado Greco-Ortodoxo Teófilo III. Durante este encontro, o Papa Bento XVI deixou este repto:

“A prioridade fundamental de cada líder cristão é nutrir a fé dos indivíduos e das famílias confiados aos seus cuidados pastorais. Esta solicitude pastoral conjunta fará com que os vossos encontros regulares sejam caracterizados pela sabedoria e pela caridade fraterna, necessárias para vos apoiar uns aos outros e para enfrentar tanto as alegrias como as dificuldades particulares que distinguem a vida da vossa população”⁸⁸.

No dia 16 de setembro de 2012, ao finalizar a sua viagem apostólica de três dias ao Líbano, encontrou-se com grupo de líderes cristãos no patriarcado siro-católico de Charfet. Neste encontro transmitiu esta mensagem:

“Amados irmãos, o nosso encontro desta tarde é um sinal eloquente do nosso profundo desejo de responder ao apelo do Senhor Jesus: «Que todos sejam um» (Jo 17, 21). Nestes tempos instáveis e propensos à violência que conhece a vossa região, é cada vez mais urgente que os discípulos de Cristo deem um testemunho autêntico da sua unidade, para que o mundo creia na sua mensagem de amor, paz e reconciliação. É esta mensagem que todos os cristãos, e nós em particular, recebemos a missão de transmitir ao mundo e que ganha um valor inestimável no contexto atual do Médio Oriente. Trabalhemos incessantemente para que o nosso amor a Cristo nos conduza, pouco a pouco, à plena comunhão entre nós”⁸⁹.

Tal como o seu predecessor, São João Paulo II, o Papa Bento XVI, participou em vários encontros ecuménicos, mas sempre com o objetivo de responder ao apelo do Senhor Jesus:

⁸⁷ BENTO XVI, *Encontro Ecuménico, Discurso do Papa Bento XVI*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

⁸⁸ BENTO XVI, *Encontro Ecuménico, Discurso do Papa Bento XVI*, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

⁸⁹ Bento XVI, *Encontro ecuménico Resposta do Papa Bento XVI*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120916_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

«Que todos sejam um» (Jo 17, 21). Ainda antes de ser Papa, Bento XVI afirmou que, acerca do ecumenismo, já se tinha conseguido muito, caso não houvesse mais divisões, e defendeu que é mais importante a aceitação mútua com grande respeito interior, com amor reconhecer que todos somos cristãos e que procuremos dar um testemunho comum ao mundo nas questões essenciais, tanto para a formação correta da ordem no mundo, quanto para a resposta às grandes perguntas sobre Deus, a origem e o destino do Homem⁹⁰.

Assim, defendendo esta ideia que o mais importante era que nos aceitemos mutuamente com amor e respeito, Bento XVI está muito próximo do que nos afirma a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

“O nosso respeito e amor devem estender-se também àqueles que pensam ou atuam diferentemente de nós em matéria social, política ou até religiosa. Aliás, quanto mais intimamente compreendermos, com delicadeza e caridade, a sua maneira de ver, tanto mais facilmente poderemos com eles dialogar” (GS, 28).

Mais tarde, chega mesmo a dizer, que o centro e o fruto do ecumenismo é a fé que deverá ser aprofundada com a ajuda da oração e da conversão, pois, só assim é que podemos dar testemunho e viver com verdade na caridade (Cf. EMO, 11).

⁹⁰ Cf. J. RATZINGUER, *O Sal da Terra. O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio – um diálogo com Peter Seewald*, 191-192.

3. Diálogo ecuménico em Portugal

O diálogo ecuménico em Portugal⁹¹, ainda é recente, começou na década de 90, com a participação da Igreja Cristã Reformada. Deixou de ser um «grupo informal de indivíduos» e passou a ter uma certa institucionalização e formalidade a nível das estruturas nacionais de várias igrejas. É certo que antes, tanto a nível diocesano como paroquial, já existiam grupos ecuménicos que funcionavam com uma certa regularidade, e disso são exemplos os existentes nas cidades do Porto e da Figueira da Foz, mas só a partir desta data é que se realizaram encontros ecuménicos regulares entre representantes da Igreja Católica e o Conselho Português de Igrejas cristãs não católicas.

Tudo começou⁹², quando o Bispo de Viseu, D. António Monteiro, foi eleito, na Conferência Episcopal Portuguesa, para o cargo de Presidente da Comissão Episcopal da Doutrina da Fé e participou em Santiago de Compostela no 5º Encontro Ecuménico Europeu, realizado de 12 a 18 de novembro de 1991. Neste mesmo encontro, organizado conjuntamente pela Conferência das Igrejas da Europa e pelo Conselho das Conferências episcopais da Europa, estiveram também presentes os representantes das Igrejas não católicas que integram o COPIC.

No referido encontro, foi combinada a realização do 1º encontro ecuménico nacional que viria a realizar-se em Viseu⁹³, no mês de fevereiro do ano seguinte. Estiveram neste encontro, realizado na Casa Episcopal de Viseu, além do Presidente da Comissão da Doutrina da Fé, organismo da Conferência Episcopal Portuguesa o Secretário da mesma, representantes da Igreja Lusitana (o Bispo D. Fernando da Luz Soares), da Igreja Metodista (Bispo Ireneu Cunha) e da Igreja Presbiterana (Pastor Manuel Cardoso).

⁹¹ J. M. LEITE, «O ecumenismo em Portugal após o Vaticano II», in *Anales de Historia Contemporánea*, 17 (2001), 393.

⁹² M. P. CARDOSO, I.S. CUNHA, N.P. HORTA, J.M. LEITE, *Uma caminhada ecuménica. 25 Anos de testemunho e serviço em Portugal*, 19.

⁹³ J. M. LEITE, «O ecumenismo em Portugal após o Vaticano II», in *Anales de Historia Contemporánea*, 17 (2001), 393.

Segundo D. Manuel Felício, foi um encontro em que os presentes e respetivas Igrejas se deram a conhecer na sua identidade e nas suas preocupações. Mereceu bastante destaque na comunicação social nacional que o qualificou como o encontro do ‘degelo’ nas relações entre as Igrejas (de fato nesses dias tinha nevado em Viseu!).

Estes encontros ecuménicos prosseguiram, realizando-se, alternadamente, em espaços da Igreja Católica e do COPIC. Os primeiros realizados em espaço protestante tiveram lugar no Centro Ecuménico da Reconciliação, na Figueira da Foz⁹⁴. Era considerado um lugar simbólico para o Ecumenismo em Portugal. Tendo sido decidida a sua construção em Sínodo da Igreja Presbiterana realizado em 1966, foi inaugurado em 1969, com a presença do Secretário Geral do Conselho mundial de Igrejas, sediado em Genebra; ele que havia recebido na mesma sede o Papa Paulo VI, alguns meses antes.

Destes encontros nasceu a decisão, que está a ser cumprida até aos dias de hoje, de alternadamente a parte católica e a parte protestante traduzirem e organizarem a publicação do texto de apoio para a Semana de Oração pela unidade dos cristãos, que todos os anos se celebra de 18 a 25 de janeiro. Conjuntamente tem sido elaborado um programa comum para esta semana, com destaque para a celebração ecuménica nacional alternadamente realizada numa Igreja católica e numa Igreja Protestante.

Momento importante⁹⁵ para as relações ecuménicas em Portugal foi o ano de 1996, quando a Conferência das Igrejas da Europa e o conselho pontifício para a promoção da unidade dos cristãos fizeram um pedido conjunto para que o COPIC e a Comissão Episcopal da Doutrina da Fé organizassem a preparação do texto de apoio à Semana da Unidade do ano de 1997.

⁹⁴ *Ibidem*

⁹⁵ J. M. LEITE, «O ecumenismo em Portugal após o Vaticano II», in *Anales de Historia Contemporánea*, 17 (2001), 394.

Estes encontros ecuménicos regulares foram significativamente enriquecidos pela publicação da “*Charta Oecumenica*”⁹⁶ assinada em conjunto por representantes da Conferência das Igrejas da Europa e pelo Conselho das Conferências episcopais da Europa em abril de 2001.

Sobre a parte desta Carta que convida as várias Igrejas a empenharem-se conjuntamente no processo evangelizador, segundo D. Manuel Felício⁹⁷, nas reuniões ecuménicas deu-se atenção especialmente à reflexão sobre a responsabilidade das Igrejas Cristãs na construção da Europa. O empenho na salvaguarda da criação, na reconciliação entre povos e culturas, tendo em atenção o drama dos refugiados e também o diálogo inter-religioso, foram os assuntos tratados nessas reuniões.

Deve referir-se que esta carta ecuménica é resultado de propósitos assumidos na II Assembleia Ecuménica Europeia realizada em Gratz (Áustria) no ano de 1997, onde também participou uma delegação portuguesa constituída por representantes do COPIC e da Igreja Católica, da qual D. Manuel Felício fez parte, afirmando que o assunto base aí tratado foi a Paz e a Reconciliação, o que originou a elaboração desta carta⁹⁸.

Em 1995, no dia 14 de janeiro, também se realizou em Lisboa, no seminário Evangélico de teologia, um encontro da Assembleia ecuménica europeia “Paz com justiça”⁹⁹, onde estiveram dois representantes da comissão da doutrina da fé da conferência episcopal portuguesa; ao todo, eram 11 representantes, um dos quais era o D. Manuel Felício. Este encontro teve como objetivo “contribuir para desencadear o processo capaz de garantir uma

⁹⁶ CONSELHO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA EUROPA, CONFERÊNCIA DAS IGREJAS EUROPEIAS, *Charta Oecumenica Linhas mestras para o aumento da colaboração entre as Igrejas na Europa*, in <https://www.copic.pt/files/ChartaOecumenicaPT.pdf> acedido a 06-04-2017.

⁹⁷ M. FELÍCIO, «Ecumenismo em Portugal e preparação da II Assembleia ecuménica europeia», in *Communio*, 4 (1996) 354.

⁹⁸ *Ibidem* 353.

⁹⁹ Esta assembleia ocorreu em Basileia em 1989, onde se viveu um encontro forte de oração e de partilha corajosa dos ideais da Fé em Cristo.

digna delegação portuguesa à II assembleia ecuménica europeia, marcada para junho de 1997, em Gratz (Áustria) ¹⁰⁰.

Como resultado deste diálogo ecuménico institucionalizado em Portugal ao longo destes anos, realizaram-se vários encontros temáticos sobre assuntos relacionados com a sociedade portuguesa. Entre eles destaca-se o encontro ¹⁰¹ sobre ética e economia realizado no Porto, em outubro de 2015, onde surgiu a proposta de uma economia de comunhão. Também como resultado deste diálogo ecuménico é de referir a assinatura pública ¹⁰² de um documento de reconhecimento mútuo do batismo. Assinaram este documento, em Lisboa, na Catedral de S. Paulo, da Igreja Lusitana, no dia 25 de janeiro de 2014, representantes da Igreja Católica, Lusitana, Presbiteriana, Metodista e Ortodoxa. Pela parte Católica assinou o Cardeal Patriarca, presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, D. Manuel Clemente.

Consequência desta caminhada ecuménica, com programa regular na televisão pública em Portugal desde o princípio dos anos 90, é também o facto de se terem realizado alguns encontros interconfessionais com a Aliança Evangélica Portuguesa e que, desde há 17 anos a esta parte, se tem vindo a realizar anualmente o Fórum Ecuménico Jovem. O último teve lugar em Aveiro e contou com a participação de mais de 300 jovens, reunidos no Seminário de Santa Joana, durante todo o dia 12 de novembro passado.

Depois deste percurso de caminhada ecuménica em Portugal, podemos realçar o que de positivo se realizou, mas também o longo caminho que nos falta percorrer até chegarmos à unidade desejada pelo mesmo Jesus Cristo. Durante este caminho, deram-se a conhecer pessoas e instituições, desfizeram-se alguns preconceitos, reconheceram-se as novas portas que abriu

¹⁰⁰ Cf. M. FELÍCIO, «Ecumenismo em Portugal e preparação da II Assembleia ecuménica europeia», in *Communio*, 4 (1996) 348.

¹⁰¹ CONSELHO PORTUGUÊS DAS IGREJAS CRISTÃS, *Ética e Economia - Uma contribuição das Igrejas em Portugal*, in <http://www.copic.pt/index.php/publicacoes/noticias/34-etica-e-economia-uma-contribuicao-das-igrejas-em-portugal> acessado a 06-04-2017.

¹⁰² AGÊNCIA ECCLESIA, *Igrejas cristãs assinaram documento inédito*, in <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/igrejas-cristas-assinaram-documento-inedito/> acessado a 06-04-2017.

para o Ecumenismo o Concílio Vaticano II e que depois foram confirmadas pelo Diretório para aplicação dos princípios do Ecumenismo, definidos no mesmo Concílio. Passou a haver uma colaboração mútua entre a parte católica e o COPIC na programação e celebração da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos e, também, na receção de documentos importantes produzidos superiormente, com necessárias implicações na vida das comunidades cristãs, sendo um deles a Carta ecuménica já referida.

3.1. O Ecumenismo na cidade de Viseu

Com o Concílio Ecuménico Vaticano II, verificou-se uma tentativa de maior aproximação entre a Igreja Católica e as demais Igrejas Cristãs presentes em Portugal. O Concílio tinha como um dos principais propósitos “promover a restauração da unidade entre os cristãos” (UR 1).

A Igreja presente na diocese de Viseu não ficou indiferente a este propósito; assim, na cidade de Viseu¹⁰³, promoveram-se várias iniciativas de cariz ecuménico, fazendo o seu próprio caminho ecuménico até aos dias de hoje.

Como é sabido, Portugal é um país maioritariamente católico. Segundo as estatísticas dos Censos de 2011¹⁰⁴, em Portugal viviam cerca de 10 562 180 pessoas; à pergunta sobre a religião, que só responderam as pessoas com 15 ou mais anos de idade, num universo de 8 989 849 pessoas inquiridas, 744 874 não responderam a esta questão; verificamos que existem cerca de 7 281 890 Católicos, 56 550 Ortodoxos, 75 571 Protestantes, 16 338 pessoas pertencentes a

¹⁰³ A cidade de Viseu é uma cidade na região Centro de sub-região de Dão-Lafões tem cerca de 56071 habitantes, é também sede de um distrito com o total de 24 concelhos, sede de um concelho com cerca de 34 freguesias e sede de diocese. O concelho de Viseu situa-se entre os rios Paiva, Dão e Vouga que afluem o rio Pavia que atravessa a cidade e o rio de Mel que corre a Norte do concelho. Cf. J. CRUZ, J. B. COSTA, *Monumentalidade Visiense*, 6.

¹⁰⁴ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *Censos - Resultados definitivos. Portugal – 2011*, in http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 acedido a 06-04-2017.

outros grupos Cristãos. Na região do Centro, na qual está integrada a cidade de Viseu, segundo a mesma fonte, constatamos que num universo de inqueridos de 2 008 497 dos quais 145 151 não responderam à questão sobre a religião. Verificamos que existem cerca de 1 715 105 Católicos, 10 651 Ortodoxos, 13 792 Protestantes e 27 454 pessoas pertencentes a outro grupo Cristão.

Em relação ao centro da cidade de Viseu, verificamos que segundo a mesma fonte e as mesmas circunstâncias, no total foram 20 054 os inqueridos, dos quais 1 642 não responderam à questão sobre a religião; averiguamos que existem 16 341 Católicos, 126 Ortodoxos, 287 Protestantes e 397 pessoas que professam outro grupo Cristão.



A Igreja Católica, no centro da cidade de Viseu, está organizada em três paróquias; neste território, os Evangélicos estão presentes com duas Igrejas.

3.1.1. As várias confissões cristãs existentes

Delimitamos o território deste estudo ao centro da cidade de Viseu, para conhecer melhor a realidade social e eclesial destas comunidades religiosas. Realizámos várias entrevistas aos párocos¹⁰⁵ e aos representantes¹⁰⁶ das Igrejas Evangélicas presentes.

Assim sendo, como resultado destas entrevistas, a Paróquia do Coração de Jesus¹⁰⁷ está situada na freguesia União das Freguesias de Viseu, foi fundada no dia dois de fevereiro de 1959, e tal como as outras paróquias do centro da cidade é uma paróquia envelhecida. Segundo os Censos 2011, em que foram inquiridas 9 530 pessoas com idade de 15 anos ou superior, das quais 872 não responderam à questão sobre a religião; confirma-se que existem 7 632 católicos, 61 Ortodoxos, 73 Protestantes e 177 pessoas que professam outro grupo Cristão. Destes resultados podemos concluir que é um espaço maioritariamente católico.

Segundo o recenseamento da prática dominical¹⁰⁸ ocorrido em março de 2012 na diocese de Viseu consta-se que nas Missas dominicais celebradas nesta paróquia, no total participaram 2 232 pessoas, sendo maioritariamente uma população envelhecida. Em relação aos Censos anteriores que ocorreram no ano 2001, existe uma quebra de participação na ordem dos 18,75%. A Paróquia tem um centro social de apoio domiciliário para doentes e idosos e ATL, os movimentos presentes na paróquia são: Agrupamento de Escuteiros nº1106 (CNE), a Conferência de São Vicente de Paulo, existe um grupo de solidariedade no luto e o grupo de jovens Oríkami.

¹⁰⁵ CÓNEGO MANUEL MOREIRA MATOS, *Entrevista à paróquia de Santa Maria*, in Anexo 1; PADRE MILTON LOPES DA ENCARNAÇÃO, *Entrevista à paróquia do Coração de Jesus*, in Anexo 2; PADRE JOSÉ DE FÁTIMA OLIVEIRA MORUJÃO, *Entrevista à paróquia de São José*, in Anexo 3.

¹⁰⁶PASTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA, *Entrevista à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viseu*, in Anexo 5; PASTOR DANIEL LOPES, *Entrevista à Igreja Baptista*, in Anexo 6.

¹⁰⁷PADRE MILTON LOPES DA ENCARNAÇÃO, *Entrevista à paróquia do Coração de Jesus*, in Anexo 2.

¹⁰⁸ SECRETARIADO DO SÍNODO DIOCESANO, *Recenseamento da prática dominical, post scriptum*.

No território desta paróquia está situada a Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Viseu.

A Paróquia de São José¹⁰⁹ está situada na freguesia União de freguesias de Viseu, foi fundada a 2/2/1959, e como as outras paróquias do centro de Viseu é uma paróquia envelhecida. Segundo os Censos 2011¹¹⁰, em que foram interrogadas 4 665 pessoas com idade de 15 anos ou superior, das quais 294 não responderam à questão sobre a religião; confirmam que existem 3 928 católicos, 24 Ortodoxos, 53 Protestantes e 100 pessoas que professam outro grupo Cristão. Destes resultados podemos concluir que as pessoas que aí residem são maioritariamente católicas. Segundo o recenseamento da prática dominical ocorrido em Março de 2012 na diocese de Viseu consta-se que nas Missas dominicais celebradas nesta paróquia, no total participaram 1 488 fiéis, com média de idades na ordem dos 50 anos, e em relação aos Censos anteriores existe uma quebra de participação na ordem dos 26,41%. A Paróquia tem um Centro Social, os movimentos presentes na paróquia são: os Convívios fraternos, os Cursos de Cristandade, Agrupamento de Escuteiros nº577 (CNE), Associação Guias de Portugal, Curso Alfa, Curso Ela e ele, a Conferência de São Vicente de Paulo e a Irmandade de São Pedro.

A paróquia de Santa Maria¹¹¹ está situada na freguesia União de freguesias de Viseu, foi fundada a 2/2/1959, como as outras paróquias do centro de Viseu é uma paróquia envelhecida. Segundo os Censos 2011 em que foram interrogadas 5 859 pessoas com idade de 15 anos ou superior, das quais 476 não responderam à questão sobre a religião, afirmam que existem 4 781 católicos, 41 Ortodoxos, 161 Protestantes e 120 pessoas que professam outro grupo Cristão. Destes resultados podemos concluir que é um lugar habitado por pessoas

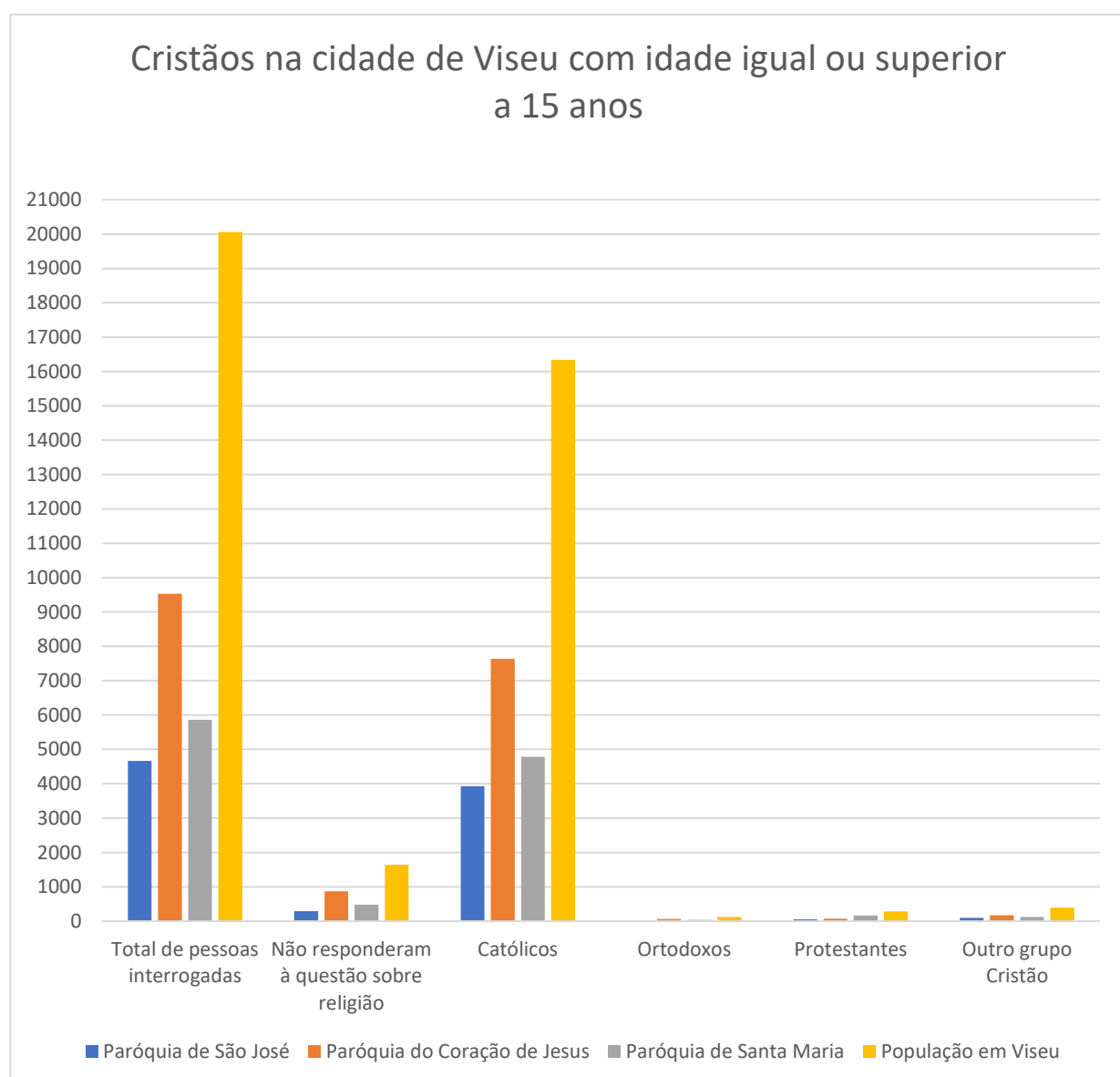
¹⁰⁹ PADRE JOSÉ DE FÁTIMA OLIVEIRA MORUJÃO, Entrevista à paróquia de São José, in Anexo 3.

¹¹⁰ INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *Censos - Resultados definitivos. Portugal – 2011*, in http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554 acedido a 06-04-2017.

¹¹¹ Cónego Manuel Moreira Matos, *Entrevista à paróquia de Santa Maria*, in Anexo 1.

maioritariamente católicas. Segundo o recenseamento da prática dominical ocorrido em março de 2012 na diocese de Viseu, consta-se que, nas Missas dominicais celebradas nesta paróquia, no total participaram 1 423 fiéis, na sua maioria são idosos e em relação aos Censos anteriores existe uma quebra de participação na ordem dos 24,67%. Na paróquia está presente a Cáritas e em termos de movimentos o Agrupamento de Escuteiros nº102 (CNE).

No território desta paróquia está sediada a Primeira Igreja Evangélica Baptista de Viseu.



Depois de ter apresentado alguns traços da realidade socio-religiosa das paróquias do centro da cidade de Viseu, tendo por base as entrevistas feitas aos párocos, os censos de 2011 e o recenseamento da prática dominical de 2012, agora apresentaremos as Igrejas Evangélicas

presentes na cidade, tal como na análise feita da realidade das paróquias, teremos por base a entrevista feita aos responsáveis pelas respetivas Igrejas.

A Primeira Igreja Evangélica Baptista¹¹² de Viseu, tem sede na rua da Paz na Freguesia União de freguesias de Viseu.

A história desta Igreja nasce da vinda para a cidade de Viseu, em 1913, da família Matos, pertencente à I Igreja Evangélica Baptista do Porto, também conhecida como o Tabernáculo, na Rotunda da Boavista. A 21 de Outubro de 1913, o Pastor e Missionário, João Jorge de Oliveira, pastor do Tabernáculo, arrendou um salão na Avenida Emídio Navarro. Este irmão estava a ser auxiliado pelo obreiro Eduardo Teixeira de Matos¹¹³, que há vários meses fazia trabalho evangelístico em Viseu. No dia 2 de março de 1914, ocorreu a inauguração do espaço. Pregou o Pastor J. J. Oliveira, para um salão lotado. Durante 3 semanas houve diariamente, pregação da Palavra de Deus, com o salão sempre cheio. Diz-se que no fim daquela série de cultos, as pessoas já conheciam 10 hinos do Cantor Cristão. No final da conferência, a Igreja organiza-se a partir de 22 de março de 1914, com 5 membros, todos com carta demissória da I Igreja Evangélica Baptista do Porto: Eduardo Teixeira de Matos (secretário), Cármen Adelaide de Matos, Maria da Conceição Matos (Missionária), Avelino Cardoso de Matos (tesoureiro) e Ana Augusta de Almeida (zeladora). O Pastor J. J. de Oliveira é eleito como primeiro Pastor da Igreja; atualmente, o Pastor é Daniel Lopes.

Os membros desta Igreja têm como média de idade os 40 anos; no entanto, têm casais jovens em início de vida familiar, em média conta com 100 fiéis presentes no culto, organizado em torno da: oração, leitura da Palavra de Deus, a pregação e o ensino da Palavra de Deus. Esta Igreja é proprietária de uma fundação, a Fundação Marcos e Ana Gonçalves, possui um lar de terceira idade na cidade de Tondela. Quanto às entidades com as quais estabelece parcerias, ou

¹¹² PASTOR DANIEL LOPES, *Entrevista à Igreja Baptista*, in Anexo 6.

¹¹³ era um ex-seminarista católico que se tinha convertido.

está associada, são: a Convenção Baptista Portuguesa e a Aliança Evangélica de Portugal. Esta Igreja contacta algumas vezes com as outras Igrejas Evangélicas presentes em Viseu, tendo também já tido iniciativas com a Igreja Católica.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus¹¹⁴ Viseu, tem sede na rua Nova da Balsa, Bloco 2 - Cave, Quinta da Asseca na Freguesia União de freguesias de Viseu.

A história desta Igreja Evangélica remonta ao ano de 1942, data do registo do primeiro lugar de culto desta, na Rua do Picadeiro, n.º 242 na cidade de Viseu. Em 1953 foi inaugurada a primeira casa de oração em Viseu na Avenida Emídio Navarro, n.º 46. Mais tarde, viria a mudar-se novamente. Realizadas obras de adaptação, com a ajuda de alguns irmãos de Coimbra, a Casa de Oração mudou definitivamente da Avenida Emídio Navarro, n.º 46, para a Rua Serpa Pinto, n.º 72, a meio do ano de 1966. Em 1992 assumiu o pastorado o Pastor Carlos Goulart. Foi iniciado o programa semanal de Rádio na Emissora das Beiras e nesse mesmo ano a Casa de Oração passou para a Rua Nova da Balsa, Bloco 2 - Cave, Quinta da Asseca, onde está sediada atualmente.

No final de 2003, a igreja é inscrita no Registo Nacional de Pessoas Coletivas Religiosas, em março de 2007 é declarada a radicação da Igreja pelo senhor Ministro da Justiça. Em Maio de 2014 assumiu o pastorado o atual Pastor José Manuel Pereira.

Esta Igreja é uma Igreja envelhecida, conta atualmente com 120 fiéis participantes no seu culto, do qual consta: a oração, a leitura da Palavra de Deus, a pregação e o ensino da Palavra de Deus. Tem um espaço social, em que oferece apoio a idosos e jovens. As entidades com as quais estabelece parcerias são: a Convenção Nacional Assembleia de Deus e a

¹¹⁴ PASTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA, *Entrevista à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viseu*, in Anexo 5.

associação Desafio Jovem; também existe alguma cooperação com as Igrejas Evangélicas da cidade de Viseu.

3.1.2. Do Concílio Vaticano II até aos dias de hoje, o que se fez pelo ecumenismo em Viseu.

Este subcapítulo tem como fonte o Jornal da Beira, que é o órgão oficial da informação da diocese de Viseu. Ao longo deste, irei referenciar todas as atividades conjuntas realizadas desde o Concílio Vaticano II até ao ano de 2015, entre a Igreja Católica e as Igrejas Cristãs não católicas, que anteriormente apresentamos. Infelizmente, não há mais nenhuma informação disponível acerca destes encontros.

Como sabemos, a Igreja Católica celebra entre o dia 18 e o dia 25 de janeiro a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Segundo o Papa Bento XVI, “A oração pela unidade foi apoiada também pelos meus venerados predecessores, como o Papa Leão XIII, o qual, já em 1895, recomendava a introdução de uma novena de oração pela unidade dos cristãos”¹¹⁵. Assim, confirmamos que esta semana de oração já tem um historial centenário.

Em Viseu, esta semana de oração não passou despercebida ao longo dos anos, mas só há registos de alguma oração ou outro ato conjunto das Igrejas cristãs no Jornal a partir do ano 1973.

Sendo assim, nesse mesmo ano¹¹⁶, houve uma celebração da Palavra no Seminário Maior de Viseu presidida pelo bispo da diocese, D. José Pedro da Silva, onde estiveram

¹¹⁵ BENTO XVI, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de janeiro de 2008*, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080125_week-prayer.html acedido no dia 06-04-2017.

¹¹⁶ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 2967 (1973) 5.

presentes alguns fiéis, os alunos do Seminário Maior e os alunos do Seminário dos Missionários Combonianos.

Depois, só no ano de 1988¹¹⁷, houve outra celebração da Palavra para encerrar o oitavário na Igreja do Seminário das Missões (Missionários Combonianos) presidida pelo bispo coadjutor D. António Monteiro. É de salientar que nesta mesma Igreja, durante esta semana, um pastor protestante presidiu a uma oração.

Volvidos quatro anos, em 1992¹¹⁸, teve lugar uma celebração ecuménica na Igreja dos Terceiros, com intervenções radiofónicas. Nesse mesmo ano, no dia 20 de Fevereiro, realizou-se um encontro ecuménico a nível nacional na cidade, onde estiveram presentes D. Fernando da Luz Soares, bispo da Igreja Lusitana, o Reverendíssimo Ireneu Cunha, superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, o Reverendíssimo José da Silveira Salvador, presidente da Igreja Presbiteriana de Portugal, o Reverendíssimo Pastor Manuel P. Cardoso, secretário-geral do Conselho Português das Igrejas Cristãs, D. António Monteiro, bispo de Viseu e presidente da comissão da doutrina da fé, D. Jorge Ortiga, bispo auxiliar de Braga e vogal da comissão da doutrina da fé e o Pe. Manuel da Rocha Felício, Vice-Reitor do Seminário Maior de Viseu, secretário da comissão episcopal anteriormente referida. Este encontro ecuménico, o maior e mais abrangente, realizado até à data em Viseu, teve como tema de fundo: “A Perspetiva de cada Igreja do ecumenismo e da unidade que se deseja”. Ao longo do encontro, houve uma partilha de sugestões em ordem à realização de um programa ecuménico comum, realizou-se uma oração conjunta e, por fim, teve lugar um convívio em torno de uma refeição fraterna.

No ano de 1993¹¹⁹, por iniciativa da Pastoral do Ensino Superior e Universitário de Viseu, realizou-se o primeiro encontro ecuménico, onde estiveram presentes o Bispo da

¹¹⁷ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3486 (1988) 6.

¹¹⁸ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3697 (1992) 4.

¹¹⁹ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3745 (1993) 5.

diocese, alguns responsáveis das comunidades cristãs não católicas da cidade. Para encerrar a semana de oração pela unidade dos cristãos, realizou-se, mais uma vez, na Igreja dos Terceiros, um momento de oração ecuménica, presidida pelo bispo diocesano, salientando-se a presença de alguns fiéis das Igrejas Cristãs não católicas da cidade.

Em 1994¹²⁰, no dia 19 de janeiro, realizou-se o segundo encontro/debate ecuménico promovido pela Pastoral do Ensino Superior e Universitário de Viseu e teve como tema de reflexão: “A família no pensar e no agir das Igrejas Cristãs”. Marcaram presença o bispo diocesano, D. António Monteiro, o pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, Carlos António Goulart e o pastor da Primeira Igreja Evangélica Baptista de Viseu, José Lopes. No dia 23, celebrou-se na igreja da Misericórdia a Eucaristia presidida pelo bispo, onde concelebraram o pároco da Sé, o Pe. José de Albuquerque Leitão, o secretário episcopal da Comissão da Doutrina da Fé, o Pe. Manuel da Rocha Felício, merecendo destaque a presença do bispo da Igreja Lusitana, D. Fernando Luz Soares. Em março, no dia 10, pela iniciativa do bispo D. António Monteiro e do seu secretário, Pe. Manuel da Rocha Felício, realizou-se um encontro entre os pastores de todas as Igrejas protestantes da diocese de Viseu, onde o objetivo era o conhecimento mútuo, a promoção do respeito, a atenção ao outro, as ações conjuntas no serviço do povo de Deus, tanto no sector dos direitos do homem como também no sector da justiça e bem-estar social.

Em 1995¹²¹, no dia 19 de janeiro, realizou-se o terceiro encontro/debate ecuménico promovido pela Pastoral do Ensino Superior e Universitário de Viseu. Neste encontro organizou-se uma mesa redonda no auditório Mirita Casimiro sobre o tema “A tolerância e a mulher na Bíblia e na vida das Igrejas Cristãs”, onde estiveram presentes o Bispo D. António Monteiro e os representantes da Primeira Igreja Evangélica Baptista de Viseu, da Igreja Evangélica Assembleia de Deus e da seita Igreja adventista do sétimo dia. No dia 20, na Igreja

¹²⁰ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3796 (1994) 8.

¹²¹ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3848 (1995) 6.

dos Terceiros, realizou-se uma celebração da Palavra onde estiveram presentes algumas das Igrejas cristãs da cidade. No dia 22, na Sé Catedral, celebrou-se a eucaristia em clima de ecumenismo, a qual, foi radiodifundida para toda a diocese.

No ano seguinte, em 1996¹²², no dia 23 de janeiro, realizou-se na igreja da misericórdia, uma celebração ecuménica presidida, como habitualmente, pelo bispo, onde se seguiu rigorosamente o guião elaborado pelo grupo ecuménico mundial em França. Nesta semana, também decorreu no auditório da Escola Superior de Educação o quarto encontro/debate ecuménico organizado pela PESV, com o tema “Marginalidade e exclusão social – Ação e papel das Igrejas Cristãs”, onde marcaram presença o bispo da diocese, D. António Monteiro, em representação da Igreja Católica, e o Pastor José Lopes, em representação da Igreja Baptista.

No ano 1998¹²³, o bispo da diocese, presidiu juntamente com o Pe. Manuel Felício, a uma oração ecuménica a nível diocesano na igreja da misericórdia.

Em 1999¹²⁴, o Bispo D. António Monteiro preside na Sé a uma celebração ecuménica e na mesma semana a rádio “Voz de Viseu” transmitiu um painel com a participação de representantes de várias confissões cristãs sobre o tema “A tarefa dos cristãos no dobrar do milénio”.

No ano 2000¹²⁵ realizaram-se somente duas celebrações ecuménicas, presididas pelo Bispo; uma aconteceu na Catedral e outra na igreja dos terceiros.

No ano seguinte¹²⁶, por iniciativa do Seminário Maior, realizou-se na igreja do mesmo, uma oração pela unidade dos cristãos, presidida pelo bispo diocesano, seguindo o esquema oficial da semana de oração pela unidade dos cristãos preparado ecumenicamente na Roménia.

¹²² Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3900 (1996) 7.

¹²³ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4000 (1998) 4.

¹²⁴ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4056 (1999) 5.

¹²⁵ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4108 (2000) 8.

¹²⁶ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4159 (2001) 6.

Em 2002¹²⁷ por iniciativa do bispo, na Sé, realizou-se uma oração ecuménica não só pelo diálogo ecuménico, mas também pelo diálogo inter-religioso.

No ano 2003¹²⁸, pela iniciativa do secretariado da pastoral juvenil, promoveu-se na Igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus uma vigília de oração ecuménica.

No ano seguinte¹²⁹, novamente pela iniciativa do secretariado da pastoral juvenil, realizou-se, na Igreja paroquial do Sagrado Coração de Jesus, uma celebração ecuménica, presidida pelo bispo D. Manuel Felício, tendo ao seu lado a Pastora Eva, da Igreja Episcopaliana e alguns sacerdotes.

Em 2005¹³⁰, no mesmo lugar e por iniciativa dos mesmos, celebrou-se uma vigília ecuménica, presidida pelo bispo D. António Marto, onde marcaram presença, com testemunhos, alguns jovens que tinham participado no encontro europeu de Taizé em Lisboa e animaram a vigília com cânticos de Taizé. Nesta vigília foi notória a ausência dos fiéis das outras Igreja Cristãs não Católicas da cidade.

No ano 2007¹³¹, somente se realizou uma celebração ecuménica na igreja de São José, presidida pelo Bispo D. Ilídio Leandro, concelebrando consigo vários sacerdotes, entre os quais o Padre Ivan Babchuk, de nacionalidade ucraniana, Sacerdote Católico de Rito Bizantino (Greco-Católico); aqui, foi notória a pouca aderência das Igrejas Cristãs não Católicas presentes na cidade de Viseu.

A partir do ano de 2010 até 2015, depois do Encontro Ibérico de Taizé no Porto, pela iniciativa do secretariado da pastoral juvenil, realizou-se uma oração mensal com cânticos de

¹²⁷ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4210 (2002) 7.

¹²⁸ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4263 (2003) 5.

¹²⁹ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4310 (2004) 8.

¹³⁰ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4366 (2005) 6.

¹³¹ Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4467 (2007) 5.

Taizé, onde a oração do mês de janeiro tinha como intenção principal rezar pela unidade dos cristãos.

Somente de destacar que no ano de 2014¹³², no mês de novembro, decorreu na cidade de Viseu, no âmbito do projeto “Mundificar”, com a parceria da ADRL e do CES, um seminário com o tema “Diversidade religiosa, multiculturalismo e integração social” onde marcaram presença a Igreja Cristã Católica, a Primeira Igreja Baptista de Viseu, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério da Madureira em Portugal e algumas seitas.

Durante estes anos foi notório o esforço realizado no desenvolvimento de uma cultura ecuménica na cidade, nomeadamente quando o bispo da diocese era o D. António Monteiro, na época presidente da Comissão da Doutrina da Fé e o Pe. Manuel Felício, atual D. Manuel Felício, bispo da Guarda, era Vice-Reitor do Seminário Maior e secretário da Comissão da Doutrina da Fé.

3.1.3. Atualidade e perspetivas para o futuro do ecumenismo em Viseu

Tendo apresentado alguns traços caracterizadores das Igrejas cristãs presentes no centro da cidade de Viseu e do caminho ecuménico que trilharam em conjunto até ao ano 2015, olhamos, agora, para a atualidade e para o futuro.

Encontramo-nos com uma realidade em que algumas destas Igrejas não pretendem trilhar caminho ecuménico¹³³, inclusive afirmam que oração ecuménica não faz sentido¹³⁴; outras estão mais abertas a fazer caminho¹³⁵, a orarem pela unidade, pela reconciliação, pela

¹³² Encontro ecuménico in *Jornal da Beira* 4869 (2014) 12.

¹³³ PADRE MILTON LOPES DA ENCARNAÇÃO, *Entrevista à paróquia do Coração de Jesus*, in Anexo 2.

¹³⁴ PASTOR DANIEL LOPES, *Entrevista à Igreja Baptista*, in Anexo 6.

¹³⁵ CÔNEGO MANUEL MOREIRA MATOS, *Entrevista à paróquia de Santa Maria*, in Anexo 1.

paz e mesmo a trabalharem em conjunto. Assim sendo, poderemos dizer que há hipótese de se poder fazer algum caminho em conjunto, mesmo havendo algumas resistências.

Na Igreja Católica de Viseu e na pessoa do seu bispo, D. Ilídio Leandro¹³⁶, encontramos total abertura para que o diálogo ecuménico seja uma realidade viva, num clima de diálogo respeitador e na coerência afirmativa e positiva. Segundo o bispo de Viseu¹³⁷, ninguém deve hostilizar ninguém, ninguém deve menosprezar ninguém; porém, nem todas as confissões cristãs são iguais, esta diversidade é também uma riqueza e um desafio a construir unidade na diversidade. A melhor forma de vivermos o que pede o Papa Francisco – sermos “discípulos missionários” – é sermos coerentes na alegria do testemunho e no respeito, informado e tolerante. Pede-se que sejamos ativos na concretização dos valores que marcam o seguimento de Jesus, nunca esquecendo o Mandamento do amor que não faz aceção de pessoas. Não deveremos ser fomentadores de grupos divergentes, mas dar oportunidade ao diálogo ecuménico. Para o prelado, deveremos respeitar os que existem, ainda que sejam minorias muito pequenas e pouco ativas. Estarmos abertos ao diálogo e orar pela unidade.

Quanto às comunidades católicas em análise, em relação ao percurso ecuménico, conclui-se que já houve no passado algumas ações ecuménicas, mas atualmente resume-se à semana de oração pela unidade dos cristãos, em que se procura esclarecer os fiéis acerca do tema do ecumenismo, como nos foi sublinhado na entrevista¹³⁸ ao pároco da paróquia do Coração de Jesus. O pároco da paróquia de Santa Maria de Viseu alerta¹³⁹ para a importância da oração pelos nossos irmãos separados, destacando a importância da oração de Taizé, que tem marcado os jovens e até alguns adultos, criando esta cultura ecuménica naqueles que participam nestes momentos realizados na Sé Catedral.

¹³⁶ DOM ILÍDIO PINTO LEANDRO, *Entrevista ao Bispo de Viseu*, in Anexo 4.

¹³⁷ *Ibidem*.

¹³⁸ PADRE MILTON LOPES DA ENCARNAÇÃO, *Entrevista à paróquia do Coração de Jesus*, in Anexo 2.

¹³⁹ CÔNEGO MANUEL MOREIRA MATOS, *Entrevista à paróquia de Santa Maria*, in Anexo 1.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus¹⁴⁰ de Viseu está aberta ao ecumenismo, participa nas atividades que são promovidas, normalmente trabalha mais em conjunto com as outras Igrejas evangélicas, ora pela unidade, embora não tenha participado nas últimas orações pela unidade dos cristãos, promovidas pela Igreja Católica.

A Primeira Igreja Evangélica Baptista¹⁴¹ de Viseu não procura fazer caminho rumo à unidade, mas respeita todas as confissões religiosas. Em relação à oração, afirma que, por exemplo, um tempo de oração ecuménica não faz sentido.

Em suma, verificamos que ainda se tem de dar alguns passos rumo à unidade cristã em Viseu. É necessário haver uma maior abertura por parte das confissões cristãs não católicas, para haver um conhecimento mútuo numa atitude de compreensão, respeito e compromisso. Porém, para que esta unidade se concretize é necessário que cada crente se deixe fecundar pela ação do Espírito¹⁴².

¹⁴⁰ PASTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA, *Entrevista à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viseu*, in Anexo 5.

¹⁴¹ PASTOR DANIEL LOPES, *Entrevista à Igreja Baptista*, in Anexo 6.

¹⁴² Cf. João Duque, *Vaticano II e o Ecumenismo* in AA. VV., *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*, 215.

Conclusão

O ecumenismo surge da premência em encontrar respostas para concretizar o desejo de Cristo “Que todos sejam um só”¹⁴³. Parece-nos indiscutível a atualidade deste tema na vida da Igreja Católica, pela sua pertinência. Salienta-se que “não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior” (UR, 7), tem de haver uma aproximação ao outro, traçar caminhos novos, reconhecendo as feridas abertas ao longo da história.

O diálogo ecuménico não se situa apenas no plano da reflexão teológica e pastoral, mas é atravessado por uma dimensão espiritual, criando, em seu torno, um clima de oração e de espiritualidade que sustentam toda a atividade ecuménica. Este clima de oração comum é entendido e acreditado como a base donde poderá surgir um diálogo coerente de forma a emanar uma aproximação eclesial.

No nosso modesto entender, o grande marco de reconciliação entre as Igrejas separadas foi o Concílio Ecuménico Vaticano II. Na Igreja católica, operaram-se grandes mudanças que trouxeram uma maior consciencialização da necessária abertura à reflexão, ao diálogo ecuménico e conseqüente desejo de unidade entre os cristãos.

O decreto acerca do ecumenismo (UR), produzido pelo concílio, é um tomar de consciência, por parte da Igreja Católica, da necessidade de responder à vontade de Cristo com mais fidelidade, pois Ele fundou uma só e única Igreja:

“Este movimento de unidade é chamado ecuménico. Participam dele os que invocam Deus Trino e confessam a Cristo como Senhor e Salvador, não só individualmente, mas também reunidos em assembleias. Cada qual afirma que o grupo onde ouviu o Evangelho é Igreja sua e de Deus. Quase todos, se bem que de modo diverso, aspiram a uma Igreja de Deus una e visível, que seja verdadeiramente

¹⁴³ Cf. Jo 17,21.

universal e enviada ao mundo inteiro, a fim de que o mundo se converta ao Evangelho e assim seja salvo, para glória de Deus (UR, 1).

O Concílio visou o favorecimento desta união de todos os cristãos, propondo à comunidade católica um empenhamento, canalizador de todos os meios possíveis, caminhos e formas que favoreçam o restabelecimento da unidade entre os cristãos; assim, é “necessário que os fiéis católicos na empresa ecuménica se preocupem com os irmãos separados, rezando por eles, comunicando com eles sobre assuntos da Igreja, dando os primeiros passos em direção a eles (UR, 4).

Depois do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII, todos os Papas que se seguiram colocaram na sua agenda a questão ecuménica, devido à importância que o movimento ecuménico foi ganhando, mas também damos conta que esta tarefa não ganhou a mesma relevância em todas as Igrejas cristãs, o que poderá ter causado uma certa estagnação na promoção do movimento ecuménico.

Mais tarde, esta questão foi novamente reavivada com o Papa João Paulo II, que, desde o início do seu pontificado, fez do ecumenismo uma prioridade da sua atividade pastoral. Além dos encontros com outros líderes religiosos, escreveu a carta encíclica *Ut Unum Sint*, onde faz um grande apelo à unidade cristã, formulando um apelo à conversão, em vista à união de todos os cristãos, à oração conjunta, ou seja, um pedido para que haja um diálogo ecuménico efetivo. Esta realidade poderá ser vista como uma forma de exame de consciência (UUS, 34), um diálogo de conversão (UUS, 84), tendo na sua base a importância da oração conjunta. “O empenho ecuménico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, ambas induzindo depois à necessária purificação da memória histórica” (UUS, 2).

O Papa Bento XVI seguiu o mesmo testemunho do seu predecessor, dando grande relevância a esta questão ecuménica. Sendo proveniente da Alemanha, é conhecedor da situação dolorosa que a rutura da unidade na profissão da fé provocou em tantas pessoas e famílias.

Assim, alguns dos pontos que se salientaram no pontificado de Bento XVI, destacamos: como facto mais notável, o esforço desenvolvido no sentido de aproximar de Roma os cristãos ortodoxos do oriente de tradições bizantina, síria e eslava; depois, a preocupação de centrar o debate católico-protestante na questão da natureza da Igreja; a importância de haver um ecumenismo de verdade, seguido do propósito firme de trabalhar em favor desta unidade, acompanhada por um grande realismo, tendo em conta as dificuldades da atualidade.

Em Viseu, ao longo destes anos, sempre se foi caminhando em vista à unidade. Vários foram os encontros de formação e orações conjuntas, principalmente na semana dedicada à oração pela unidade dos cristãos, maioritariamente realizados no tempo em que D. António Monteiro, foi bispo de Viseu e presidente da comissão da doutrina da fé, e o atual D. Manuel da Rocha Felício, era Vice-Reitor do Seminário Maior de Viseu e secretário da comissão episcopal anteriormente referida.

Atualmente, vivemos uma realidade diferente, em que algumas destas Igrejas não pretendem trilhar caminho ecuménico, inclusive afirmam que a oração ecuménica não faz sentido. Todavia, outras estão mais abertas a fazer caminho, a orarem pela unidade, pela reconciliação, pela paz e mesmo a trabalharem em conjunto.

Podemos questionar sobre o que as instituições/movimentos da diocese têm oferecido para fazer crescer este movimento; questionar, igualmente, se as Igrejas cristãs têm feito formação com as pessoas para as sensibilizar nesta dimensão da vida eclesial. Sabemos que a formação das pessoas cada vez mais é importante, tendo este campo uma grande importância nos dias de hoje, no compromisso batismal que os cristãos são chamados a viver, na configuração com Jesus Cristo, que deixou claro o seu projeto de que todos sejam um¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Jo 17, 21.

Com este trabalho académico, demos conta dos passos dados e dos que ainda faltam dar, rumo a alcançar um diálogo ecuménico mais efetivo entre as diversas Igrejas cristãs presentes na cidade de Viseu. Apesar das dificuldades, sabemos que é possível estabelecer uma maior aproximação das diferentes Igrejas, mas, ao mesmo tempo, é necessário haver uma maior abertura, por parte das confissões cristãs não católicas, para haver um conhecimento mútuo, a partir de uma atitude de oração, compreensão, respeito e compromisso, pois só assim conseguiremos fortalecer o caminho já traçado, tendo em vista a tão almejada unidade.

Bibliografia

1. Fontes do Magistério

BENEDICTI PP. XVI, « *Adhortatio Apostolica Postsynodalis “Ecclesia in Medio Oriente”* », in AAS 104 (2012) 751-832.

DENZINGER, H.; SCHÖNMETZER, A. – *Enchiridion symbolorum definitiorum et declarationum de rebus fidei et morum*, 35 ed. Emm. Barcinone, Herder, 1973.

IOANNIS PAULI PP. II, « *Epistula Apostolica “Orientale lumen”* » in AAS 87 (1995) 745-774.

IOANNIS PAULI PP. II, « *Adhortatio Apostolica “Catechesi Tradendae”* », in AAS 71 (1979) 1277-1340.

IOANNIS PAULI PP. II, « *Litterae Encyclicae “Ut Unum Sint”* » AAS 87 (1995) 921-982.

IOANNIS PAULI PP. II, « *Epistula Apostolica “Tertio millennio adveniente”* » AAS 87 (1995), 5-41.

PAULI PP. VI, « *Adhortatio Apostolica “Evangelii Nuntiandi”* », in AAS 68 (1976) 5-76.

PII PP. XI, « *Litterae Encyclicae “Mortalium Animo”* », in AAS 20 (1928) 5-16.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, « *Constitutio De Sacra Liturgia “Sacrosanctum Concilium”* », in AAS 56 (1964) 97-138.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, « *Constitutio Dogmatica de Ecclesia “Lumen Gentium”* », in AAS 57 (1965) 5-71.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, « *Constitutio Dogmatica de Divina Revelatione “Dei Verbum”* », in AAS 58 (1966) 817-836.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis “Gaudium et Spes”*», in AAS 58 (1966) 1025-1120.

SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «*Decretum de Oecumenismo “Unitatis Redintegratio”*», in AAS 57 (1965) 90-112.

2. Livros

AA.VV., *Reconciliação, Dom de Deus e Fonte de Vida Nova. II Assembleia Ecumenica Europeia (Graz – Áustria, 23-29 de junho de 1997)*, editorial A.O., Braga, 1998.

ALBERIGO, Giuseppe; MELLONI, A.; PERRONE, L.; PROCH, U.; YANNOPOULOS, P.; VENARD, M.; WOHLMUTH, J, *Historia de los Concilios Ecumenicos*. Tradução Alfonso Ortiz García, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993.

ASNAGHI, A., «*Ecumenismo*» in PACOMIO, L.; ARDUSSO, Fr.; FERRETI, G.; GHIBERTI, G.; MOIOLI, G.; MOSSO, D.; PIANA, G.; SERENTHÀ, L., *Diccionario teologico interdisciplinar I-II*, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1985, 901-913.

BEAVER, R.P.; BERGMAN, J., LANGLEY, M.S.; E OUTROS, *El mundo de las religiones*, Ed. Paulinas, Madrid, 1985.

BURGGRAF, J, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, Ediciones Rialp, Madrid, 2003.

CARDOSO, M.P.; CUNHA, I. da Silva; HORTA, N.P; LEITE, J.M, *Uma caminhada ecuménica. 25 Anos de testemunho e serviço em Portugal*, Conselho Português de Igrejas Cristãs, Figueira da Foz, 1996.

- CERETI, Giovanni, *ABC das igrejas e das confissões cristãs*, Paulus Editora, Lisboa, 2011.
- COMBY, Jean, *Para ler a história da Igreja. Vol. I Das origens ao século XI (1054)*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1997.
- COMBY, Jean, *Para ler a história da Igreja. Vol. II Do século XI (1054) à Revolução Francesa (1789)*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2001.
- CONGAR, Yves, *Mon Journal du Concile I*, Cerf, Paris, 2002.
- CRUZ, Júlio; COSTA, Jorge Braga da, *Monumentalidade Visiense*, ed. Avis, Viseu, 2007.
- DUQUE, João, «*Vaticano II e o Ecumenismo*», in AA. VV., *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012, 213-216.
- HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein, *O livro das religiões*, Tradução Isa Mara Lando, Cia das letras, São Paulo, 2001.
- KASPER, Walter, *La teología ecuménica: situación actual*, Lección doctoral, Madrid, 2004.
- LLORCA, Bernardino; VILLOSLADA, Ricardo Garcia, *História de la Iglesia Católica III*, Bac, Madrid, 1987.
- MORUJÃO, Manuel, *Ser cristão à luz do Vaticano II*, Editorial A.O., Braga, 1998.
- NICOLAU, Miguel, *Decreto de Ecumenismo del Concilio Vaticano II. Texto y comentario teológico y pastoral*, Editorial Apostolado de la Prensa, Madrid, 1965.
- PIERRARD, Pierre, *História da Igreja*, Tradução Álvaro Cunha, Edições Paulinas, São Paulo, 1982.
- PINHO, José Borges de, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, Universidade Católica Portuguesa Editora, Lisboa, 2011.

PRIETO, A. A., *As Seitas e os Cristãos*, Ed. São Paulo, Lisboa, 1994.

RATZINGER, J. Cardeal, *O Sal da Terra. O cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milénio – um diálogo com Peter Seewald*, Imago, Rio de Janeiro, 1997.

SAMUEL, A., *As religiões hoje*, Tradução Benôni Lemos, Paulus, São Paulo, 1997.

SECRETARIADO GERAL DO EPISCOPADO, *Directório para a aplicação dos princípios e normas sobre o ecumenismo*, Ed. Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1993.

TAVARD, Georges, *Ecumenismo História e perspectivas actuais*, Tradução J. Costa Portugal, Editorial Missões, Cucujães, 1962.

WOODROW, Alain, *As novas seitas*, Ed. Paulistas, Lisboa, 1979.

3. Publicações periódicas

ARENAS, Sandra, «Revisitando la catolicidad: desafíos a la unidad de la Iglesia en un mundo “fragmentado”» in *Franciscanum* 57 (2015) 303-324.

CADAVID, Ancizar, «La mesa ecuménica por la paz. Una expresión de la fe del pueblo empobrecido» in *Investigación K* 7 (2015) 43-56.

CARDOSO, Maria Teresa de Freitas, «No respeito e no amor. Ensino de Bento XVI e Francisco sobre a solicitude ecumênica», in *Perspectiva Teológica* 48.2 (2016) 357-387.

DANNER, Leno Francisco, «Um fundamento para o ecumenismo: a irredutibilidade do outro», in *Horizonte* 12 (2014) 70-98.

ELENA, Santiago del Cura, «Concilio Vaticano II decreto sobre el ecumenismo: “Unitatis Redintegratio” in 124-125 (2004) 357-473.

- Encontro ecuménico in *Jornal da Beira* 4869 (2014) 12.
- FELÍCIO, Manuel, «Ecumenismo em Portugal e preparação da II Assembleia ecuménica europeia», in *Communio*, 4 (1996) 348-356.
- LEITE, José Manuel, «O ecumenismo em Portugal após o Vaticano II» in *Anales de Historia Contemporánea* 17 (2001) 385-396.
- MADRIGAL, Santiago, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “*Unitatis redintegratio*” a “*Ut unum sint*”», in *Sal Terrae*, 10 (1999) 789-802.
- MARQUES, Luís Henrique, «Igreja católica e ecumenismo/inculturação: da revisão conceitual ao impasse com o advento das estratégias de marketing» in *Rever* 2 (2012) 23-34.
- MATABOSCH, Antoni, «La encíclica “*Ut Unum Sint*”. Una visión ecuménica prometedora», in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 327-333.
- MAUTI, Ricardo Miguel, «El Concilio Vaticano II: Acontecimiento y teología» in *Revista Teología* 110 (2013) 57-84.
- MAYA, Sandra María Guzmán Maya; BETANCUR, Yulman Fernando Arias, «El Pluralismo religioso en la región» in *Grafiyas Disciplinarias de la UCP* 17 (2012) 5-12.
- MORA, Carlos Arboleda, « Medio siglo de ecumenismo: Retos del futuro» in *Cuestiones Teológicas*, 40 (2013) 199-212.
- MORALES, Jaime Laurence Bonilla, «Ecumenismo y construcción de la paz» in *Cauriensia* 10 (2015) 199-219.
- OCÁRIZ, Mons. Fernando, «Evangelización, Proselitismo y ecumenismo» in *Scripta Theologica* 38 (2006) 617-636.

OLIVEROS, Gustavo Adolfo Gallardo, «Análisis DOFA al quehacer ecuménico en Colombia: una aproximación en perspectiva teológica y estratégica» in *Ram* 4.2 (2014) 313-346.

PINHO, José Eduardo Borges de «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria* 141/5 (1995) 453-468.

POVEDA, Luis Ruiz, «El ecumenismo y los ecumenismos en España» in *Anales de Historia Contemporánea* 17 (2001) 377-383.

SCHWARZ, Aneli, «Ecumenismo – uma contribuição evangélica» in *Horizonte* 3 (2003) 96-101.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 2967 (1973) 5.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3486 (1988) 6.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3697 (1992) 4.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3745 (1993) 5.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3796 (1994) 8.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3848 (1995) 6.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 3900 (1996) 7.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4000 (1998) 4.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4056 (1999) 5.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4108 (2000) 8.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4159 (2001) 6.

Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4210 (2002) 7.

- Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4263 (2003) 5.
- Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4310 (2004) 8.
- Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4366 (2005) 6.
- Semana de Oração pela unidade dos cristãos in *Jornal da Beira* 4467 (2007) 5.
- SOARES, Fernando da Luz, «Diálogo ecuménico enquanto diálogo com o “outro”», in *Comunicação e Cultura* 11 (2011) 67-77.
- VALL, Héctor, «Metodologia ecuménica según la Encíclica “*Ut Unum Sint*”» in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 335-351.
- VECCHIA, Fabio, «Il ruolo della chiesa ortodossa serba nelle dinamiche di transizione e negli scenari riformisti dei balcani occidentali» in *Anuario de derecho canónico* 4 (2015) 331-350.
- VEJA, Maria José Hidalgo de La, «Ecumenismo romano: Entre utopia y realidade» in *Biblid* 26 (2008) 47-62.
- VILLAR, José Ramón, «Elementos eclesiológicos relevantes en la Encíclica “*Ut Unum Sint*”» in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 353-373.
- WOLFF, Elias, «O ecumenismo no horizonte do Concílio Vaticano II» in *Atualidade Teológica* 39 (2011) 403-428.
- WOLFF, Elias, «Reformas na igreja: chegou a vez do catolicismo? Uma aproximação dos 50 anos do Vaticano II e os 500 anos da reforma luterana, no contexto do pontificado do papa Francisco» in *Horizonte* 12 (2014) 534-567.

4. Webgrafia

AGÊNCIA ECCLESIA, *Igrejas cristãs assinaram documento inédito*, in <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticias/nacional/igrejas-cristas-assinaram-documento-inedito/> acedido a 06-04-2017.

ALFREDO TEIXEIRA, *Catolicismo e “outras identidades religiosas em Portugal”*, in http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal.html, acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI à Delegação do Patriarcado Ecuménico de Constantinopla*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20050630_deleg-costantinopoli.html acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Discurso do Papa Bento XVI por ocasião do encontro ecuménico no Palácio Episcopal de Colónia*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050819_ecumenical-meeting.html acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Encontro ecuménico Resposta do Papa Bento XVI*, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2012/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20120916_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Encontro Ecuménico, Discurso do Papa Bento XVI* in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20080418_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Encontro Ecuménico, discurso do Papa Bento XVI*, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20090515_incontro-ecumenico.html acedido a 06-04-2017.

BENTO XVI, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de janeiro de 2008*, in http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080125_week-prayer.html acedido no dia 06-04-2017.

CONSELHO DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS DA EUROPA, CONFERÊNCIA DAS IGREJAS EUROPEIAS, *Charta Oecumenica Linhas mestras para o aumento da colaboração entre as Igrejas na Europa*, in <https://www.copic.pt/files/ChartaOecumenicaPT.pdf> acedido a 06-04-2017.

CONSELHO PORTUGUÊS DAS IGREJAS CRISTÃS, *Ética e Economia - Uma contribuição das Igrejas em Portugal*, in <http://www.copic.pt/index.php/publicacoes/noticias/34-etica-e-economia-uma-contribuicao-das-igrejas-em-portugal> acedido a 06-04-2017.

F. TEIXEIRA, *"Os 25 anos de pontificado de João Paulo II" (2004)*, in <https://scholar.google.pt/scholar?hl=pt-PT&q=++Cf.+F.+TEIXEIRA%2C+%22Os+25+anos+de+pontificado+de+Jo%C3%A3o+Paulo+II.%22+%282004%29.%28+&btnG=&lr=> acedido a 06-04-2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, *Censos - Resultados definitivos. Portugal – 2011*, in http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pce nsos=61969554 acedido a 06-04-2017.

J. E. B. PINHO, *O Ecumenismo no Pontificado de Bento XVI*, in http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/dialogo_ecumenico/o_ecumenismo_no_pontificado_de_bento_xvi.html acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II, *Carta do Papa João Paulo II ao Patriarca de Constantinopla Bartolomeu I*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2004/documents/hf_jpii_let_20041127_consegna-reliquie.html acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II, *Celebração da Palavra para a entrega do Ícone da Mãe de Deus de Kazan à Igreja Ortodoxa Russa*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_20040825.html acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II, *Cerimónia de boas-vindas em Oslo, discurso do Papa João Paulo II*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1989/june/documents/hf_jp-ii_spe_19890601_arrivo-norvegia.html, acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II; BARTOLOMEU I, *Declaração conjunta com assinatura de João Paulo II e Sua Santidade Bartolomeu I a 29 de junho de 1995*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1995/june/documents/hf_jp-ii_spe_19950629_dichiaraz-comune.html acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II; DIMITRIOS I, *Declaração comum do Papa João Paulo II e do Patriarca Ecuménico Dimitrios I a 7 de dezembro de 1987*, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/it/speeches/1987/december/documents/hf_jp-ii_spe_19871207_dichiarazione-comune.html acessado a 06-04-2017.

JOÃO PAULO II; ROBERT RUNCIE, *Declaração conjunta de João Paulo II e do arcebispo de Canterbury no dia 29 de maio de 1982*, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2004/documents/hf_jp-ii_aud_19820529_declaracao-comune.html acessado a 06-04-2017.

ii/pt/speeches/1982/may/documents/hf_jp-ii_spe_19820529_dichiarazione-comune.html

acedido a 06-10-2016.

JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio,*

11 de outubro de 1962, in http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html, acedido a

06-04-2017.

PAULO VI, *Saudação do Papa Paulo VI para a sua beatitude Atenágoras Patriarca ecuménico*

de Constantinopla, in http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640105_athenagoras.html acedido a 06/04/2017.

Anexos:

Anexo 1: Entrevista à paróquia de Santa Maria.

1. Como se chama a Paróquia?

Santa Maria

2. Data da fundação da paróquia?

Dois de Fevereiro de 1959.

3. Quais são os movimentos existentes na paróquia?

Agrupamento 102 do CNE.

4. Quantas pessoas participam dominicalmente na missa? E noutros momentos de culto?

A participação na Eucaristia é muito volátil e dependente de muitos fatores, nomeadamente condições de acesso. Podemos apontar para uma participação entre as 500 e as 1000 pessoas. Noutros momentos de culto, nomeadamente, Adoração do Santíssimo, nunca mais de 50.

5. Quantos batismos foram realizados no ano 2015?

105.

6. Conhecem ou procuram conhecer as outras atividades das outras Igrejas Cristãs?

Não.

7. O que pensa a vossa comunidade paroquial sobre o ecumenismo/diálogo ecuménico?

Que ações concretas foram realizadas nesse sentido?

Nenhuma ação concreta.

8. Já criaram ou participaram em alguma oração ecuménica, por exemplo na semana de oração pela unidade dos cristãos?

Penso que já houve uma na Sé.

9. Quais os frutos que resultaram desse diálogo?

Desconheço.

10. De que forma se poderia fazer a ligação entre a vossa Comunidade Paroquial e as outras confissões cristãs presentes na paróquia, ou seja, é possível algum trabalho em conjunto?

Da minha parte haverá disponibilidade, não sei se o mesmo se poderá dizer das outras partes.

11. Em relação à comunidade de Taizé e às orações de Taizé realizadas até agora na cidade qual é a sua opinião?

Têm marcado muito os jovens e até alguns adultos e tenho um grupo que tem feito deste tipo de oração um caminho sério de encontro com Deus. Mas aqui não tem havido nada de ecuménico.

Anexo 2: Entrevista à paróquia do Coração de Jesus

1. Como se chama a Paróquia?

Coração de Jesus.

2. Data da fundação da paróquia?

Dois de Fevereiro de 1959.

3. Quais são os movimentos existentes na paróquia?

Agrupamento de Escuteiros nº1106 (CNE), a Conferência de São Vicente de Paulo, existe um grupo de solidariedade no luto e o grupo de jovens Orikami.

4. Quantas pessoas participam dominicalmente na missa? E noutros momentos de culto?

Ao domingo no conjunto das missas que existem na paróquia apontamos para uma participação de cerca de 2200 pessoas.

5. Quantos batismos foram realizados no ano 2015?

Não respondeu.

6. Conhecem ou procuram conhecer as outras atividades das outras Igrejas Cristãs?

Não.

7. O que pensa a vossa comunidade paroquial sobre o ecumenismo/diálogo ecuménico? Que ações concretas foram realizadas nesse sentido?

Não pensamos em diálogo ecuménico. Nenhuma ação concreta.

8. Já criaram ou participaram em alguma oração ecuménica, por exemplo na semana de oração pela unidade dos cristãos?

No passado já houve alguns encontros ecuménicos aqui na Igreja paroquial. Atualmente rezamos pela unidade da Igreja na semana de oração pela unidade dos cristãos.

9. Quais os frutos que resultaram desse diálogo?

Até agora nenhuns.

10. De que forma se poderia fazer a ligação entre a vossa Comunidade Paroquial e as outras confissões cristãs presentes na paróquia, ou seja, é possível algum trabalho em conjunto?

Não é possível.

11. Em relação à comunidade de Taizé e às orações de Taizé realizadas até agora na cidade qual é a sua opinião?

As orações de Taizé são interessantes, é um esforço benemérito dos professores de moral para levarem os jovens a Taizé. Mas tem de haver um contínuo acompanhamento desses jovens nas paróquias, para verem a paróquia como um ponto de referência. Já usaram a nossa igreja paroquial para essas orações.

Anexo 3: Entrevista à paróquia de São José

1. Como se chama a Paróquia?

São José.

2. Quantas pessoas participam dominicalmente na missa? E noutros momentos de culto?

Podemos apontar para 1 500 fiéis nas missas dominicais.

3. Data da fundação da paróquia?

Dois de Fevereiro de 1959.

4. Quais os movimentos existentes na paróquia?

Movimento dos Convívios fraternos, os Cursos de Cristandade, Agrupamento de Escuteiros nº577 (CNE), Associação Guias de Portugal, Curso Alfa, Curso Ela e ele, a Conferência de São Vicente de Paulo e a Irmandade de São Pedro.

5. Quantos batismos foram realizados no ano 2015?

129.

6. Conhecem ou procuram conhecer as outras atividades das outras Igrejas Cristãs?

Não.

7. O que pensa a vossa comunidade paroquial sobre o ecumenismo/diálogo ecuménico?

Que ações concretas foram realizadas nesse sentido?

Nenhuma ação concreta.

8. Já criaram ou participaram em alguma oração ecuménica, por exemplo na semana de oração pela unidade dos cristãos?

Rezamos pela unidade na semana de oração pela unidade dos cristãos.

9. Quais os frutos que resultaram desse diálogo?

Não há diálogo.

10. De que forma se poderia fazer a ligação entre a vossa Comunidade Paroquial e as outras confissões cristãs presentes na paróquia, ou seja, é possível algum trabalho em conjunto?

Isso é impossível.

11. Em relação à comunidade de Taizé e às orações de Taizé realizadas até agora na cidade qual é a sua opinião?

Têm marcado muito os jovens e por vezes aproximam-nos da Igreja.

Anexo 4: Entrevista ao Bispo de Viseu.

1. Enquanto Bispo da diocese de Viseu que leitura/balanço faz da vivência do ecumenismo na cidade de Viseu?

A leitura que faço é a de que os grupos de outras religiões aqui existentes são muito pequenos e de pouca dimensão e representatividade. O maior é o da Igreja Baptista e, mesmo esta, com poucos elementos e pouca representatividade.

Dado que há pouca apetência natural, por parte dos católicos para o ecumenismo – o mesmo se verifica dos outros grupos, até porque são minorias muito pequenas – vive-se quase no anonimato, no silêncio ou no alheamento.

O que pergunta da cidade de Viseu, respondo, sobretudo, da diocese de Viseu. Os grupos mais representativos da Igreja Baptista encontram-se em Viseu (cidade), Tondela e Mangualde, e um pequeno grupo de Adventistas em Viseu e em Carregal do Sal. Fora estes grupos, quase não há outra representatividade.

2. Quais são as suas perspetivas/propostas para o futuro da vivência ecuménica na cidade de Viseu?

As propostas que faço resumem-se no respeito, no diálogo respeitador e na coerência afirmativa e positiva. Ninguém deve hostilizar ninguém; ninguém deve menosprezar ninguém... Porém, nem todas as religiões são iguais e nem todas as Igrejas valem o mesmo.

A melhor forma de vivermos o que pede o Papa Francisco – sermos “discípulos missionários” – é sermos coerentes na alegria do testemunho e no respeito, informado e tolerante. Pede-se que sejamos ativos na concretização dos valores que marcam o

seguimento de Jesus, nunca esquecendo o Mandamento do amor que não faz aceção de pessoas.

Não deveremos ser fomentadores de grupos diferentes para darmos oportunidade ao diálogo ecuménico e termos experiências de tolerância... Porém, deveremos respeitar os que existem, ainda que sejam minorias muito pequenas e pouco ativas.

3. Na diocese de Viseu está a acontecer uma caminhada sinodal, que finda este ano. Este tema (ecumenismo) ocupou alguma reflexão / houve alguma preocupação em debater este assunto nas reflexões sinodais? Se sim, que reflexão foi feita?

Não, explicitamente. Porém, no estudo e nas propostas aprovadas na *Lumen Gentium*, o ecumenismo está inerente ao ser Igreja e Igreja em comunhão. A comunhão em corresponsabilidade supõe a criação de espírito de família com os “diferentes”, não rejeitando ninguém mas construindo família com todos os que se abrem à ação de Deus.

A própria vivência do Evangelho nas Comunidades supõe o ritmo pessoal e a caminhada diferente que cada pessoa vai fazendo, supondo, também, diferenças no estilo de acreditar e de viver as propostas da Fé, feitas na e pela Igreja.

Anexo 5: Entrevista à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viseu

1. Nome da Igreja?

Igreja Evangélica assembleia de Deus de Viseu

2. Em que ano foi fundada a Igreja em Viseu? A história da fundação?

Em 1942. Em 1939 o visiense Belarmino Teixeira Martins convertido através da ação dos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, regressa do Brasil com o intuito de partilhar a sua fé com os seus conterrâneos. Ele partilhava as Boas Novas do evangelho enquanto exercia o seu officio. E foi assim que a irmã Joaquina Matos Ferreira, vizinha do irmão Belarmino, encontrou o evangelho.

O registo do primeiro lugar de culto na cidade de Viseu data do ano de 1942 na Rua do Picadeiro, n.º 242.

Em 1943 o Pr. Rogério Ramos Pereira visitou a igreja. Sabemos que o Pr. Durval Correia visitou os crentes em Viseu no mesmo ano.

Em 1945 o Pr. Augusto Henriques, visitava três famílias crentes visienses e realizava cultos. Estas visitas iriam prolongar-se pelos anos seguintes.

Em 1948 foi batizada a primeira crente da igreja, a irmã Joaquina Matos Ferreira. Durante o ano de 1949 os Pastores José de Oliveira Pessoa e Durval Correia visitaram a igreja na cidade de Viseu.

Ainda na década de 40 a Ir.^a Joaquina Ferreira partilhou a sua fé com a irmã Joaquina Telo de Moraes, enfermeira no dispensário da cidade (mais conhecida por irmã Quininha) e mais tarde com o irmão Herménio de Gouveia e Sousa, professor de música na cidade apesar de invisual. Em 1952 foram ambos batizados no Rio Mondego.

Em 1953 foi inaugurada a primeira casa de oração em Viseu na Avenida Emídio Navarro, n.º 46. Na cerimónia inaugural usaram da palavra os Pastores José Plácido da Costa, Rogério Ramos Pereira, João Mendes Curveira, Joaquim Mendes, Manuel Tomás, João Maria Lopes Conde e Durval Correia. Ainda em 1953 é eleita a primeira Junta Administrativa constituída pelo Presidente João Maria Lopes Conde, a Secretária Joaquina da Cruz Telo de Morais, o Tesoureiro Herménio de Gouveia e Sousa, a Professora da Escola Dominical Gracinda Ferreira da Silva e a Zeladora da Igreja Maria da Conceição de Oliveira Pires. O Pr. João Maria Lopes Conde, assumiu o apoio espiritual da Igreja em Viseu entre os anos de 1953 e 1955.

O Pr. José Lopes Quedas de passagem por Viseu por questões de saúde nesta época, assumiu por algum tempo a responsabilidade espiritual da igreja, dado encontrar-se a residir na cidade.

Em 1955 o apoio espiritual passou a ser dado pelo Evangelista José Neves Ramos, até ao ano de 1957. Neste período foram muitos os Pastores que visitaram a Igreja, dos quais destacam-se o Pr. Ernest Newman, o Pr. Tagh Stalberg, o Pr. Manuel Moutinho, o Pr. José Pessoa de entre outros.

Em 1957 o Pr. José Lopes Quedas esteve em Viseu pela segunda vez assumindo o pastorado da igreja até ao ano de 1960. Foi o primeiro pastor radicado na cidade.

Em 1960 o Pr. José Barros de Sousa assumiu o pastorado da igreja da Beira Alta como então se designava, uma vez que incluía Viseu, Carvalhal Redondo, Pinheiro de Azere, Seia, Valezim de entre outros locais. Fixou residência em Sta. Comba Dão onde abriu uma casa de oração em 1961. Mais tarde o Pr. José Barros de Sousa mudou a sua residência para Viseu. No início do ano de 1966 parte para a igreja das Caldas da Rainha deixando alugado um salão, que seria a futura Casa de Oração em Viseu.

O Pr. Miguel Córias esteve em Viseu na primeira metade do ano de 1966. Foram realizadas obras de adaptação com a ajuda de alguns irmãos de Coimbra, e a Casa de Oração mudou definitivamente da Av. Emídio Navarro, nº 46, para a Rua Serpa Pinto, nº 72, a meio do ano de 1966. No culto inaugural esteve presente o Pr. João Hipólito à época pastor da igreja do Porto. Ainda em 1966 o Pr. António Dias Gonçalves assumiu o pastorado da igreja. Foi auxiliado pelo obreiro João Trindade em 1968. Mais tarde foi também auxiliado pelo obreiro Florival Guerreiro entre 1969 e 1970. Nesse mesmo ano abriram-se trabalhos nas localidades de S. Martinho de Orgens e Sernancelhe.

Em 1972 o Pr. Manuel Damásio assumiu o Pastorado, durante o qual foram abertos trabalhos nas localidades de Póvoa de Midões, Sarzeda e Oliveira do Hospital. Foi auxiliado pelo obreiro José Manuel Travassos no ano de 1974 e mais tarde pelo obreiro Daniel Monteiro. Ainda em 1980 é inaugurada a primeira Casa de Oração em Castro Daire.

Em 1980 assumiu o pastorado da igreja o Pr. António Emílio Ferreira de Almeida. Em 1982 é inaugurada a Casa de Oração de Treixedo. Decorria o ano de 1984 quando foi eleita a Junta Administrativa na sequência dos Primeiros Estatutos da Igreja sendo composta pelo Presidente António Emílio Ferreira de Almeida, pelo Primeiro Secretário Serafim Nogueira dos Santos, pelo Tesoureiro Porfírio Marques Martins, e pelas Vogais Manuel Joaquim de Almeida e João de Figueiredo. Em 1985 assume o pastorado o Pr. Carlos de Almeida. Em 1989 a Casa de Oração mudou para a Rua João Mendes. Em 1992 assumiu o pastorado o Pr. Carlos Goulart. Foi iniciado o programa semanal de Rádio na Emissora das Beiras e a 1992 a Casa de Oração passou para a Rua Nova da Balsa, Bloco 2 - Cave, Quinta da Asseca. O Pr. José Pina assumiu o pastorado da igreja durante os primeiros meses de 1994. Sucedeu-lhe o Obreiro Paulo Cruz ainda no mesmo ano.

No final de 1994 o Pr. Daniel Monteiro assumiu o pastorado da igreja. Foram reabertas a Casa de Oração em Sta. Comba Dão e Castro Daire, tendo sido aberta a casa de oração de

S. Pedro do Sul. Colaboraram com o Pr. Daniel Monteiro na congregação de Sta. Comba Dão o então obreiro António Paulino e mais tarde o Pr. Florival Guerreiro. Em S. Pedro do Sul colaborou o Pr. John Pires.

Em 2000 o Pr. António Emílio Ferreira de Almeida assume o pastorado da igreja pela segunda vez. Foi durante o seu segundo pastorado que se procedeu à revisão dos estatutos da igreja. Nesse período, em 2003, foram efetuadas as comemorações do que agora sabemos serem os 50 anos da inauguração da primeira Casa de Oração.

No final de 2003 o Pr. António Rivero Paulino assumiu o pastorado da igreja. A igreja é inscrita no Registo Nacional de Pessoas Coletivas Religiosas e em março de 2007 é declarada a radicação da igreja pelo senhor Ministro da Justiça. Colaboraram com o Pr. António Paulino o Pr. Roberto Santos em Sta. Comba Dão e o Pr. António Silva em S. Pedro do Sul. É iniciado o apoio financeiro regular a orfanatos no Malawi e em Moçambique. A casa de oração em Castro Daire passou para a Av. 25 de Abril.

Em Maio de 2014 assumiu o pastorado da igreja o Pr. José Manuel Pereira.

3. Estatísticas acerca do número de pessoas que frequentam? Idades?

Cerca de 100 a 120 fiéis, sendo a maioria envelhecida.

4. Escritos que eles têm e partilham com aqueles que querem conhecer e estão na igreja deles?

Bíblia

5. Como é organizada a Igreja?

Pertencem à convenção nacional da Assembleia de Deus.

6. Ritmo de oração?

Domingo de manhã e quarta-feira fazemos oração; no domingo à tarde fazemos culto evangelista; na sexta-feira realizamos estudo bíblico.

7. Existem associações ligadas à Igreja?

Convenção Nacional Assembleia de Deus, associação Desafio Jovem, apoio ao Idoso, espaço social.

8. Ecumenismo o que vos diz? Fazem algum esforço para que este seja vivido? Atividades propostas?

Entendemos como ecumenismo como sendo a unidade de todas as Igrejas cristãs, não estamos fechados ao ecumenismo, reunimo-nos com a outra Igreja evangélica da cidade, rezamos pela unidade na semana de oração pela unidade dos cristãos.

Anexo 6: Entrevista à Igreja Baptista

1. Nome da Igreja ou comunidade eclesial?

Primeira Igreja Evangélica Baptista de Viseu.

2. Em que ano foi fundada a igreja em Viseu? A história da fundação?

O trabalho baptista em Viseu surge com a mudança da família Matos, pertencente à I Igreja Evangélica Baptista do Porto, também conhecida como o Tabernáculo, na Rotunda da Boavista, para Viseu em 1913.

A 21 de Outubro de 1913, alugou-se um salão na Ave. Navarro, pelo Pastor e Missionário da JMM da CBB, João Jorge de Oliveira, pastor do Tabernáculo. Este irmão estava a ser auxiliado pelo obreiro Eduardo Teixeira de Matos, que há vários meses fazia trabalho evangelístico em Viseu. Eduardo de Matos era um ex-seminarista católico que se tinha convertido.

Em 2 de Março de 1914, ocorreu a inauguração do espaço. Pregou o Pr. J. J. Oliveira, para um salão lotado. Durante 3 semanas houve, diariamente, pregação da Palavra de Deus, com o salão sempre cheio. Diz-se que no fim daquela série de cultos, as pessoas já conheciam 10 hinos do Cantor Cristão!

No final da conferência, a Igreja organiza-se a 22 de março de 1914, com 5 membros, todos com carta demissória da I Igreja Evangélica Baptista do Porto: Eduardo Teixeira de Matos (secretário), Cármen Adelaide de Matos, Maria da Conceição Matos (viria a ser a primeira missionária da CBP), Avelino Cardoso de Matos (tesoureiro) e Ana Augusta de Almeida (zeladora). O Pastor J. J. de Oliveira foi então eleito como primeiro Pastor da Igreja.

3. Estatísticas acerca do número de pessoas que frequentam? Idades?

Atualmente, os cultos de Domingo pela manhã costumam ter em média 100 pessoas. Diríamos que, dessas 100 pessoas, 10 têm menos de 10 anos, 5 têm entre 10 e 15 anos, 25 pessoas têm entre os 16 e as 30, 20 pessoas entre os 31 e os 50 anos, 20 entre os 51 e 65 anos e 20 acima dos 65 anos.

Somos uma Igreja um pouco envelhecida, mas com jovens casais em início de vida familiar.

4. Escritos que eles têm e partilham com aqueles que querem conhecer e estão na Igreja deles?

A Bíblia Sagrada é o nosso livro principal. Conforme diz a nossa Declaração de fé, temos a Bíblia Sagrada, como nossa única e toda-suficiente regra de fé e prática.

Entendemos que ela foi escrita por homens divinamente inspirados e é o registo da revelação pessoal de Deus. É um tesouro perfeito de instrução Divina. Tem Deus como autor, a salvação do homem como fim e a verdade, sem mescla de erro, como conteúdo. Revela o plano de Deus para a nossa Salvação e os princípios pelos quais Deus nos há-de julgar. É a autoridade absoluta e o padrão supremo pelo qual toda a conduta humana, as opiniões religiosas e os próprios credos devem ser testados. É também, como revelação de Jesus Cristo, o centro da verdadeira unidade cristã. II Timóteo 3:16-17; II Pedro 1:21; II Samuel 23:2; Atos 1:16; Provérbios 30:5-6; João 17:17; Romanos 3:4; Apocalipse 22:18-19; I Cor. 4:3-4; Lucas 10:10, 16; 12:47-48).

No âmbito da nossa Escola Bíblica Dominical, como que uma catequese, que fazemos com todas as faixas etárias usamos revistas de apoio ao estudo da Bíblia.

Temos ainda folhetos que podemos distribuir para aqueles que nos visitam, onde destacamos Jesus Cristo e a Sua obra salvífica.

5. Como é organizada a Igreja?

As igrejas Baptista têm governo democrático, praticam a disciplina e regem-se em todas as questões espirituais e doutrinárias exclusivamente pelas palavras de Deus, sob a orientação do Espírito Santo. Deus é o líder da Igreja, a Sua Palavra autoridade suprema.

A Igreja em Viseu é uma Igreja congregacional. As deliberações são tomadas democraticamente por voto da maioria dos seus membros em Assembleia.

A estrutura organizacional da Igreja em Viseu assenta em quatro grandes áreas de ação liderada por um Coordenador, que são: Adoração e Evangelização; Educação e treinamento cristão; Ação Social Cristã; Administração Geral.

São oficiais da Igreja o Pastor, os elementos do Conselho Diaconal e os elementos do Conselho Coordenador.

6. Ritmo de oração? Que tipo de oração?

Cada membro da Igreja deve ter uma prática de oração diária e participar, sempre que possa, nas reuniões de oração comunitárias. Em cada culto temos SEMPRE tempo de oração a Deus e somente a Deus.

Temos a oração como algo muito importante. Na oração estamos em contacto e comunhão com Deus.

Na oração nós adoramos a Deus (destacamos as Suas virtudes e os Seus atributos), nós agradecemos a Deus (a manifestação da Sua graça e misericórdia, bem como as bênçãos que recebemos d'Ele), nós confessamos os nossos pecados a Deus (pecar é ofender a Deus, é a Ele que devemos confessar confiando que Ele, pela graça, nos perdoará quando há verdadeiro arrependimento), nós intercedemos (oramos em favor dos outros), nós pedimos (oramos em nosso favor).

7. Existem associações ligadas à Igreja?

A Igreja é proprietária de uma Fundação. Fundação Marcos e Ana Gonçalves, que tem um lar da terceira idade em Tondela.

Como Igreja estamos associados na Convenção Baptista Portuguesa e na Aliança Evangélica de Portugal.

8. Ecumenismo o que vos diz? Fazem algum esforço para que este seja vivido? Atividades propostas? Participam em atividades ecuménicas?

Depende da definição da própria palavra ecumenismo.

Há coisas que nos separam que nos impedem de termos práticas em conjunto; há coisas que temos em comum que nos permitem trabalhar lado a lado.

Um culto ecuménico, por exemplo, não faz sentido, um tempo de oração ecuménica, por exemplo, não faz sentido.

Índice

Siglário	5
Introdução.....	8
1. Notas históricas do Movimento Ecuménico.....	11
1.1. O Ecumenismo nos Códigos de Direito Canónico da Igreja Oriental e da Igreja de Rito Latino	19
2. Ecumenismo	21
2.1. Diálogo ecuménico	21
2.2. O Concílio Vaticano II e o Ecumenismo	24
2.3. Decreto Unitatis Redintegratio	25
2.3. O Ecumenismo no magistério de João Paulo II.....	29
2.3.1. A Encíclica Ut Unum Sint.....	33
2.4. O Ecumenismo no magistério de Bento XVI	39
3. Diálogo ecuménico em Portugal	43
3.1. O Ecumenismo na cidade de Viseu	47
3.1.1. As várias confissões cristãs existentes	49
3.1.2. Do Concílio Vaticano II até aos dias de hoje, o que se fez pelo ecumenismo em Viseu.....	54

3.1.3. Atualidade e perspectivas para o futuro do ecumenismo em Viseu	59
Conclusão	63
Bibliografia.....	67
1. Fontes do Magistério	67
2. Livros.....	68
3. Publicações periódicas.....	70
4. Webgrafia.....	74
Anexos:.....	78
Anexo 1: Entrevista à paróquia de Santa Maria.	78
Anexo 2: Entrevista à paróquia do Coração de Jesus	80
Anexo 3: Entrevista à paróquia de São José.....	82
Anexo 4: Entrevista ao Bispo de Viseu.	84
Anexo 5: Entrevista à Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Viseu.....	86
Anexo 6: Entrevista à Igreja Baptista	91